

Sistemas Defensivos da Cidade do Porto 1809-1833

Sérgio Veludo Coelho

Texto apresentado no Colóquio Património e Arqueologia em Proença-a-Nova em Agosto de 2018

1. Os defensores do Porto em 1809

Após a Primeira Invasão Francesa, em 1807, o Porto fora ocupado por tropas espanholas, do comando da Galiza e sob o comando do General Taranco e, posteriormente, francesas com Quesnel á frente de um pequeno contingente, que retirou após as vitórias anglo-lusas da Roliça e do Vimeiro em 1808. A cidade e o seu governo, assim como a regência, cientes que se organizavam para novas investidas por parte de exércitos napoleónicos, vindos do Norte de Espanha, tentou estabelecer um plano defensivo que assentava muito pouco em tropas experimentadas e mais na mobilização popular. Na Galiza as tropas inglesas e as *Alarmas* (corpos irregulares, mas organizados) galegas foram empurradas para a Corunha e para o seu porto, pelas tropas francesas de Soult, que acabaria por fazer retirar as depauperadas tropas inglesas do General Sir John Moore, com a morte deste último. Estava aberto, de novo, o caminho para Portugal. Desde Janeiro de 1809 que se havia começado a fortificar a cidade do Porto, mas de forma pouco consistente (Azeredo, 2004, 8-12). A guarnição do Porto era composta por uma amálgama de poucas tropas regulares, brigadas de ordenanças e grupos de civis armados, comandadas pelos poucos oficiais disponíveis nesta região e todos sob o comando do Bispo do Porto, que poucos conhecimentos possuía das realidades militares e como defender, eficazmente, uma cidade de um ataque por tropas experimentadas como as francesas. Como já referido, o Bispo do Porto assumira o comando supremo da cidade, assistido pelos brigadeiros Parreiras, Lima e Vitória. Para comandar as brigadas de ordenanças tinham sido graduados temporariamente como brigadeiros o coronel do Regimento de Milícias da Maia Barnabé de Oliveira Maia, o capitão de cavalaria Gonçalo Cristóvão, o alferes da Guarda Real de Polícia Luíz de Mello, o voluntário Sebastião Leme e todos os oficiais da classe de subalternos foram nomeados a partir dos burgueses e dos mestres dos ofícios mecânicos portuenses (Azeredo, 2004, 46-4 e Veludo, 2010,59-59). Os efetivos dos regimentos de linha não ultrapassariam os 6500 homens (um número estimado, não

comprovado em fontes primárias e possivelmente exagerado dado a maioria das tropas regulares estar a ser concentrada na zona de Abrantes a Tomar para reequipamento e treino sob o comando de Beresford), na sua maioria constituídos por recrutas inexperientes, mal-armados e com um deficiente enquadramento de comando. Com estas unidades estavam cerca de 3000 soldados dos regimentos de milícias do Partido das Armas do Porto, mas padecendo do mesmo problema dos camaradas das tropas regulares e sem terem armamento para todos, estando muitos sem mosquetes. O maior número de defensores eram os cerca de 10000 homens das brigadas de ordenanças, que não possuíam armamento moderno, recorrendo a velhas armas de caça, piques, foices e outros tipos de materiais que estivessem à mão, sem enquadramento, treino ou disciplina. A cobertura de cavalaria e reconhecimento era dada por um único esquadrão a cavalo da Guarda Real de Polícia. As ordenanças não tinham qualquer liderança experiente e seguiam qualquer um que os animasse, nem que fosse para pilhar as casas dos suspeitos de serem afrancesados e jacobinos (Veludo, 2010, 57-61). A secundar estes 20000 homens estavam milhares de camponeses, desarmados, que tinham vindo de Braga e das cercanias do Porto, mas que mesmo o comando da cidade tinha a noção que nada valeriam quando chegasse o momento. Tinham sido feitos esforços para minorar a minguagem de armas e munições no Arsenal Real do Porto, que havia voltado a funcionar (Veludo, 2010, 60-63), tendo o Bispo feito repetidos pedidos de ajuda ao Conselho de Regência e diretamente ao governo britânico, mesmo à revelia do governo da regência. Tinha-se solicitado a Lisboa o envio de uma força de socorro inglesa, mas nunca foi enviada por se temer desguarnecer a capital, pelo receio de um ataque francês pelo Alentejo, já que o general francês Victor havia concentrado o I Corpo de Exército em Mérida. Da capital foram ainda enviados dois navios com armas, mas um naufragou e o outro voltou a Lisboa devido ao mau tempo que impossibilitava navegar em segurança até à costa Norte (Azeredo, 2004, 45-50). Vieram alguns oficiais ingleses, e ainda batalhões dos Regimentos de Infantaria 6, 18 e 21, para além dos batalhões da Leal Legião Lusitana, obtendo-se cerca de 900 homens com experiência de combate, mas claramente insuficientes para garantir a defesa da cidade. Este era o quadro humano para a resistência do Porto, e quanto aos seus sistemas defensivos? Segundo Carlos Azeredo (Azeredo, 1984, 120-132), desde Janeiro a 29 Março de 1809, dia do ataque francês ao Porto, haviam sido levantadas 35 posições de artilharia, começando pela bateria de S. Cosme (hoje no Concelho de Gondomar), a de S. Luiz, no Alto do Pinheiro (Vale de Campanhã?), a do Senhor do Padrão (neste caso pensamos que seja adjacente à zona atual que engloba as áreas do Largo do Padrão e

Jardim de S. Lázaro), a bateria de S. Jorge no Pinhal do Monte Cativo (zona adjacente ao Covelo), a bateria de S. Pantaleão no monte das Enfestada (não localizada), a bateria de Santa Maria no Alto do Cativo (também adjacente à zona do Covelo), a bateria de S. Salvador, no alto do Senhor do Bonfim (possivelmente no adro da antiga Igreja), a bateria de Santa Clara no denominado *moinho de vento do Bonfim*, a bateria da Belavista, na estrada das Antas (a localização atual deverá corresponder à Capela do Senhor da Belavista na Rua Joaquim Urbano), a bateria de Santa Ildefonso, na Póvoa de Cima (atual Rua da Bateria), a bateria de S. Filipe na Quinta dos Congregados (hoje situada entre a Rua da Alegria e a Rua de Santos Pousada), a bateria da Senhora do Carmo no Alto da Empregada (não localizada), a bateria de São João Evangelista no denominado *moinho do Fernandes*, a bateria de S. Pedro em Lindo Vale (junto á atual Praça do Marquês do Pombal). Mais afastada destas linhas foi montada a bateria de S. Domingos na Arroiteia (hoje em S. Mamede Infesta), ainda mais afastada era a bateria da Senhora da Lapa, no monte da Lapa (junto ao cemitério da Irmandade da Lapa), a bateria de S. Frutuoso no sítio do Sério (atual zona da Rua do Vale Formoso), a bateria de Santo António no Regado (zona do Vale Formoso), a bateria de S. Francisco no Monte Pedral (ainda se mantém a toponímia atual como Rua do Monte Pedral), a bateria de S. Paulo na Falperra (hoje na zona superior do Campo Alegre), nas vastas quintas da Prelada ficaram situadas as baterias de S. Tomé, S. Gonçalo e S. Tiago. Já na zona de Lordelo do Ouro foi levantada a bateria de S. Miguel e a de S. José no Prado da Fábrica (referindo-se à antiga Fábrica do Plácido e Fábrica de Lanifícios de Lordelo, frente a Serralves). Mais à direita estavam as baterias de S. Mateus e S. Martinho em Ramalde e a fechar o dispositivo junto ao mar forma montadas as baterias de S. Duarte, no Campo das Casas (localização não identificada), as baterias de S. Gregório e S. Brás no Alto de S. João da Foz (pensamos que complementar os fogos da Fortaleza de S. João da Foz), a bateria de S. Bruno no Pinhal da Foz (mantém-se a toponímia atual) e a bateria de S. Raimundo na Foz do Douro (neste caso e dada referência apontada pelo General Carlos Azeredo, pode-se levantar a hipótese desta bateria ter sido levantada no areal do Cabedelo). A sul do Douro ainda foram levantadas baterias. A de Santo António (cremos que teria sido na encosta junto à Igreja de Santo António de Vale da Piedade), a bateria da Raza (ainda hoje existe local com a mesma toponímia), no Senhor do Padrão acima do Mosteiro da Serra do Pilar, e baterias no Monte Alto e Monte Grande, que não tendo indicação geográfica na obra do General Carlos Azeredo, colocamos a hipótese de se terem situado nos pontos elevados do Castelo de Gaia até à zona alta da Afurada (Azeredo...). Como se pode ver, e na

aparência este seria um extenso sistema defensivo que em termos de área cobria as zonas circundantes à Cidade do Porto, e nas suas obras de 1984 e 2004, o General Carlos Azeredo refere ainda que o artilhamento das baterias estaria quase completo, mas as peças e obuses que as guarneciam variavam fortemente na qualidade e capacidade, entre materiais modernos, obsoletos e peças, que segundo Azeredo tinham sido retiradas dos portos do Douro onde estavam enterradas de boca para baixo e serviam de amarradouros dos navios. A chegada das tropas francesas de Soult às cercanias do Porto, depois de tomar Braga e todas as localidades até às terras da Maia, implicava que este teria que ter uma clara noção do dispositivo defensivo que o esperava. Assim, a 27 de Março ordena reconhecimentos em força a várias posições portuguesas mais salientes nas linhas defensivas. Com o grosso das suas tropas instalado numa linha entre Rio Tinto, Paranhos, S. Mamede de Infesta, Padrão da Légua e Senhora da Hora, o marechal francês faz destacar da Divisão de Lorges uma companhia de infantaria ligeira, em reconhecimento avançado. Esta chega ao contacto com as posições portuguesas colocadas no Monte Pedral, sendo repelida, com muitas baixas, mas cumprindo o seu objetivo que foi reunir as informações necessárias sobre o estado e moral das defesas da cidade. A segunda tentativa de reconhecer o campo de batalha surge no dia 28, com uma saída da infantaria francesa, por batalhões, disposta em linhas abertas que avançaram sobre a estrada de Braga, um dos acessos ao Porto, depois de uma preparação com fogo de artilharia. Mais uma vez este ataque era somente preparatório e destinava-se a sondar e proporcionar a Soult uma visão geral de como deveria conduzir o ataque final à cidade. Este, de acordo com as regras da guerra, envia emissários com propostas de rendição da cidade. Os primeiros portadores da declaração de rendição foram assassinados pela população e o terceiro emissário salvou-se devido à intervenção de Frei Manuel de Santa Inês, na altura a servir na Companhia de Eclesiásticos do Porto, que se haveriam de cobrir de glória na defesa do Porto. Levado ao Bispo, o emissário não logrou trazer a Soult uma resposta já que foi linchado pelos populares na Aguardente, hoje Praça do Marquês de Pombal. Ainda segundo os estudos do General Carlos Azeredo, ocorreu o aprisionamento do General Foy pela guarnição da cidade, criando-se a lenda de que teria que ter levantado os dois braços para provar que não era maneta, já que o haviam confundido com o brutal General Loison. Sob a proteção do Bispo do Porto, Foy foi preso, mas libertado após a entrada das tropas francesas na cidade. O bispo do Porto, D. António de S. José e Castro, depois de não aceitar render-se a Soult, retira-se no dia 28 de Março para as posições da Serra do Pilar, levando consigo documentos de Estado e o cofre militar. Dali seguiria até Ovar,

seguinto de navio para Lisboa. Perante o silêncio da recusa da rendição do Porto e o assassínio dos seus emissários, Soult dá, finalmente, a ordem de avançar em força para o Porto. O General francês observava há vários dias, tal como em Chaves, os defensores da cidade a fazerem um nutrido, mas inútil fogo de artilharia em direção às suas posições, que estavam fora do alcance das peças. Tranquilamente, as tropas francesas, preparavam-se para o assalto final, vendo a total anarquia que reinava nas fileiras portuguesas, e que iria haver tudo menos uma defesa organizada. Às 6 da manhã de 29 de Março, os portugueses que estavam nas paliçadas terão começado a ouvir os tambores e pífaros dos regimentos de infantaria de linha franceses, que começaram a sair das suas posições. A visão das colunas da infantaria francesas a avançarem em passo de carga, a par da cavalaria que se dirigia para linhas portuguesas terá sido suficiente para consternar as pouco disciplinadas tropas portuguesas, sem treino para enfrentar, a pé firme, soldados calejados das batalhas de Napoleão. Em vários pontos das linhas tentaram-se resistências desesperadas, mas paulatinamente os batalhões franceses vão rompendo pelas paliçadas e passando as baterias e trincheiras. Os que não fogem são passados à baioneta pelos homens de Soult, lançados em fúria contra uma cidade que havia recusado a rendição. Depois de meses de árduos combates de desgaste contra a guerrilha, o estado de espírito dos franceses era de pôr a ferro e fogo a cidade do Porto. Os primeiros pontos a cair foram as posições entre a Aguardente e o Monte Pedral, conquistados pela infantaria francesa que continuou o seu avanço em direção ao centro da cidade. Na Prelada a cavalaria de Franceschi levou à sua frente os defensores das baterias e redutos lá instalados, provocando uma debandada geral. As posições do Brigadeiro Vitória, situadas entre o vale de Campanhã e os altos do Bonfim, já um pouco afastadas do centro das linhas defensivas conseguem aguentar algum tempo, até às 10 da manhã, até terem que retirar. As tropas francesas, ultrapassadas as linhas defensivas, avançam rapidamente para os bairros principais da cidade, levando à sua frente populares e soldados que debandam em pânico, sem ninguém que os comandasse no sentido de fazerem uma retirada escalonada. Muitas das tropas regulares portuguesas já haviam chegado ao lado de Vila Nova de Gaia, indo buscar refúgio na grande bateria situada no Convento, onde no dia anterior tinha estado o Bispo. Na cidade a cavalaria francesa arremete pelas estreitas ruas, espadeirando todos os que conseguisse apanhar, seguido pelos regimentos de infantaria que vão progredindo, levados pela expectativa certa do saque.

2. A Tragédia da Ponte das Barcas

Pelas várias ruas e vielas do Porto, a população em pânico e encurralada intramuros só tem uma escapatória, que é tentar passar para Vila Nova de Gaia, onde já se encontravam muitas das tropas da guarnição. A única maneira de passar rapidamente era pela ponte das barcas que unia a Ribeira do Porto às ruas baixas de Gaia que davam acesso aos vários armazéns das companhias do Vinho do Porto. Foi por este meio que o povo do Porto tentou, em massa, escapar aos soldados franceses que começavam a aproximar-se da Ribeira. Centenas de pessoas em pânico começaram a atravessar a ponte, mas o drama deu-se logo de imediato, ficando para a História várias versões sobre o que realmente aconteceu no que ficaria conhecido como a Tragédia da Ponte das Barcas. Durante muitos anos uns alegaram que os pranchões da ponte cederam ao peso da multidão em fuga, outros, mais recentemente, defendem que as pranchas centrais da ponte haviam sido retiradas por sapadores do Exército, seguindo ordens do Brigadeiro Vaz Parreira. A ponte deveria ser totalmente destruída, mas a chegada da multidão com os franceses a persegui-la interrompeu o trabalho dos sapadores. Esta última versão poderia ser a mais verosímil, já que a criação de obstáculos para proteger uma retirada e retardar o inimigo é taticamente correta. No entanto, tal não se compadeceu com o facto muitas vítimas inocentes terem perdido a vida, afogadas nas águas do Rio Douro. A tragédia foi inevitável, já que as primeiras pessoas na ponte se devem ter apercebido da falha dos pranchões, mas nada puseram fazer para evitar serem empurradas para o rio pela multidão que vinha atrás e não podia ver a quebra no piso da ponte. Para além do que se passava na ponte, a população ficou debaixo do fogo da bateria de artilharia portuguesa que estava na Serra do Pilar, que desesperadamente disparava para as ruas por onde as tropas francesas acediam à Ribeira. Mas fazendo pontarias cada vez mais baixas, as peças portuguesas acabavam por mandar balas rasas e obuses para meio dos portuenses que se apinhavam nas estreitas margens da Ribeira. Não ficaram números exatos de quantos morreram na ponte das Barcas, pois no caos dos combates, e mesmo depois, não se conseguiram ter registos atualizados dos mortos na ponte, muitos dados por falecidos outros por desaparecidos. A propaganda panfletária antifrancesa, à época, anunciava um desastre de milhares de vítimas, mas é duvidoso que se tivessem chegado a tão altos números, de acordo com a opinião do General Carlos Azeredo. Houve quem tentasse atravessar em botes e batéis, mas a infantaria francesa fazia fogo, das margens e ruas

altas, com os seus mosquetes atingindo os ocupantes. Uma companhia da Leal Legião Lusitana, posicionada entre as Rua das Flores e a Rua Nova conseguiu conter as tropas francesas, sobretudo a cavalaria, mas cedendo à superioridade e ímpeto do inimigo, também teve que retirar. Na Foz do Douro, o Brigadeiro Lima Barreto ainda se entrincheirou no Forte de S. João da Foz, mas acabaria por ser abatido pelos atiradores do 6º de Linha francês e a fortaleza rendeu-se. A população que tentou fugir pela estrada de Penafiel, tentado chegar a Valongo e a Gondomar foi perseguida por unidades de cavalaria francesa, cortando as vias de fuga ao longo da margem norte do Douro, pelo menos até Gramido. A última grande resistência foi levada a cabo pela Companhia de Eclesiásticos do Porto, que recuando casa a casa pela Rua Chã, foi resistindo à infantaria francesa, até se deixar cercar no Paço do Bispo, junto à Sé. Aí, esgotados e sem munições, os clérigos fecharam-se à espera do assalto dos franceses. Estes, antes de carregarem sobre o edifício, fizeram vir peças de artilharia e rebentaram com as pesadas portas de madeira do Paço. Irrompendo pelas portas, os franceses tiveram que defrontar os desesperados sacerdotes sala a sala, corredor a corredor até passarem à baioneta os últimos que se recusaram render. Na Ribeira, o 47º de Linha francês já controlara o local e enviara os seus sapadores a recolocar as pranchas na ponte, passando e tomando de assalto e conquistando a bateria portuguesa da Serra do Pilar.

3. A queda do Porto

O Porto caíra numa questão de horas, vencida que fora uma resistência mal organizada e comandada, com uma guarnição constituída na sua maioria por homens mal treinados e pior armados, que resistiam a acatar ordens dos oficiais do Exército que, apesar de tudo, tentaram enquadrar o melhor possível as suas forças. As poucas tropas regulares portuguesas não tinham grande experiência de combate, pois a maioria dos veteranos partira na Legião Portuguesa ao Serviço de Napoleão, e se haviam desertado ainda não tinham chegado às suas antigas unidades. As obras de fortificação não tinham sido bem elaboradas, e por muito boas que fossem, estariam sempre dependentes de serem bem guarnecidas, o que não foi possível acontecer pelas razões já referidas. Naqueles momentos o patriotismo e voluntarismo dos portuenses, que quiseram defender a sua cidade, não foi suficiente para parar os veteranos de Jena e Austerlitz, que formavam aquilo que por muitos era considerado o melhor exército do mundo. Devido à resistência oferecida e ainda segundo as leis de guerra da época, o Porto sujeitou-se a três dias de

saques, assassinios e violações levados a cabo por tropas desvairadas, e que Soult não se esforçava muito em conter, sobretudo nas primeiras 24 horas. No mesmo dia, 29 de Março, Soult instalava-se, confortavelmente, no Palácio dos Carrancas, que à época era a residência civil preferida pela Família Real Portuguesa no caso de uma deslocação ao Porto. Estas atitudes atestavam a sua ânsia em tornar-se Rei do Norte de Portugal e chega a lançar petições para que tal seja levado à consideração de Napoleão. Seria um consulado de pouca dura, pois o exército anglo-luso sob o comando de Wellington e Beresford preparava-se para vir reconquistar o Porto, que pagara um alto preço pela sua recusa em render-se a Soult, tendo perdido cerca de 10000 homens contra as 500 baixas francesas.

*Após a Convenção de Sintra e a retirada dos franceses, “Portugal estava arruinado, não somente pelas contribuições que o esmagaram e pelo encargo de sustentar um exército estrangeiro sobre o seu território, mas também pela suspensão completa do seu comércio».*¹

Sob a eufemística expressão de «*sustentar um exército estrangeiro*» esconde-se a dura realidade das destruições, das violências, do saque e da autêntica rapina a que o País foi submetido pelas tropas de Junot, saques e rapinas de que o produto foi, nos termos da Convenção de Sintra, levado na quase totalidade para França.

Também o encerramento dos nossos portos veio agravar o estado de coisas, pois era fundamentalmente a troca de vinhos, lãs e produtos aqui manufaturados, por trigo e outras mercadorias do exterior, sobretudo das colónias, o que sustentava a vida económica dos portugueses; «*Mal documentado sobre Portugal, o Imperador ignorava esta particularidade, e impôs rigorosamente aos portos portugueses todas as obrigações do bloqueio continental*» (65).²

É, pois, uma Nação completamente arruinada, destruída, despojada dos seus bens mais valiosos, sem meios de defesa, já que a sua Armada partira para o Brasil e, o seu Exército tinha: sido dissolvido, que se vai confrontar com uma nova invasão do seu Território por tropas inimigas, com as inerentes consequências

¹ Capitaine A. Grasset, in «La Guerre d’Espagne, 1807-1813», Berger-Levrault, Editeurs - Paris, 1914, Volume 11, pág. 55.

² *Ibidem*, idem, idem, pág. 56.

4. O Cerco do Porto – os primeiros dias de uma Cidade cercada

A abordagem à temática sobre o Cerco do Porto, entre 1832 e 1833 constituem uma parte importante na historiografia nacional, defendendo diferentes pontos de vista, amiúde antagónicos. Nas obras consultadas, assim como em documentos manuscritos e contemporâneos do Cerco do Porto, sobressaem sempre as linhas de fortificação e o modo como foram levantadas, dia após dia, nos lados antagónicos, de D. Pedro e D. Miguel. Um dos melhores exemplos é a *Chronica Constitucional do Porto* publicada entre 1832-1833 e que, na abertura de cada número, relatava o quotidiano de D. Pedro, que diariamente visitava as linhas, sobretudo as obras de fortificação, supervisionando constantes aperfeiçoamentos na preparação da cidade para um duro e prolongado cerco.³

Também do lado de D. Miguel se levantaram extensas linhas de cerco a norte do rio Douro, que fecharam o Porto nos seus extremos, a oeste, norte e leste. A sul do rio Douro, os miguelistas ergueram também poderosos assentamentos de artilharia, como os de Sampaio e Trovão, do lado de Gaia e que flagelavam as encostas do Porto e o reduto liberal do Convento da Serra do Pilar.

O desembarque das tropas liberais, em 8 de Julho de 1832, nas praias de Arnosa de Pampelido, tornara evidente a desproporção numérica existente entre os dois exércitos antagónicos. O exército de D. Miguel ascendia a quase 80.000 homens em forças de primeira e segunda linha, mais incontáveis unidades de voluntários Realistas, espalhados por todo o Reino. Desses, cerca 30.000 soldados, formados em 4 divisões e uma brigada móvel, cercariam o Porto, a partir de Agosto de 1832.⁴ Por sua vez, as forças

³Porto, 25 de Agosto. O Senhor Duque de Bragança sahio hoje às cinco horas da manhã acompanhado do seu Estado Maior e do seu Guarda Roupa. Foi examinar a bateria da Torre da Marca, na qual ordenou novos trabalhos depois seguiu as Linhas do Centro para a direita até ao Sítio d'Agoa-Ardente, em cujo lugar se ouvia o fogo de mosquetaria dos rebeldes, que daquelle ponto até aos Congregados tentavão um reconhecimento. S.M.I. correu a bateria dos Congregados e Vio que inimigo se escondia por detrás de uma casa. Então o Senhor Duque fez pontaria à casa com uma peça de 24, largou fogo, e a casa cahio a terra. S.M.I. fez segundo tiro e a bala se escondeo no pinhal. Fez ainda terceiro tiro e a bala cahio no meio de uma coluna inimiga, que debandou. S.M.I. voltou ao Paço pelas nove horas. Às onze trabalhou com os Ministros de Estado, até à uma hora. Às duas trabalhou no seu Gabinete com o Senhor Conselheiro C.J. Xavier, Seu Ajudante, até às três e meia. Às cinco Tornou a sahir acmpnhado do Snr. Pina Ajudante de Campo de Serviço, Snr. Pimentel, do Snr. Baptista Lopes, e correo novamente as Linhas da direita fazendo novas observações; Recolheo-se pelo Forte da Torre da Marca, e chegou ao Paço às oito horas da tarde. S.M.I. goza de perfeita saúde. In *Chronica Constitucional do Porto*, 26 de Agosto de 1832

⁴A primeira operação militar cosistiu num breve, mas incisivo ataque dos Caçadores do tenente coronel Schwalbach, no dia 10, contra umas forças miguelistas, que da margem Sul do Douro, hostilizavam o Porto, sendo logo expulsas de Vila Nova. Depois, mercê das novas providências sobre o recrutamento dos Batalhões Nacionais e de alguns reforços quando se chega a 31 de Julho de 1832, o Exército Constitucional contava já um total de 9.285 homens, sendo 548 oficiais, 565 sargentos, 205 músicos corneteiros e tambores e 7697 cabos, anspeçadas e soldados. Deduzindo daquele total 1786 homens, que faziam parte dos referidos Batalhões Nacionais, o verdadeiro exército de D. Pedro destinado às operações ofensivas era formado por 7499 homens (...) in Ferrão, 1940: 300.

constitucionais não ultrapassavam os 9.000 homens, entre forças de 1ª linha, voluntários e auxiliares, na maioria estrangeiros, com muito poucas hipóteses de triunfar numa guerra de movimentos. Após surtidas de reconhecimento a Souto Redondo e Ponte de Ferreira, a decisão do Estado Maior liberal foi de se barricarem no interior do Porto e na Serra do Pilar, para resistir e aguardar a evolução dos acontecimentos, sobretudo nos esforços diplomáticos internacionais. A partir de Agosto de 1832, o Estado-maior liberal dá a ordem de fortificar a cidade, aproveitando as antigas linhas de defesa de 1809, sendo a tarefa levada a cabo por uma série de engenheiros e sapadores militares sob o comando de Bernardo de Sá Nogueira e José Jorge Loureiro. Estes mobilizaram, rapidamente, tropas e populares para levantamento de trincheiras, redutos, fortes e baterias, além de usarem todos os materiais disponíveis, desde pedra de demolições, madeiras, entulhos e terra. Para guarnecer estas linhas de defesa, outrora frágeis, o exército liberal, para além das três peças ligeiras com que desembarcara em 8 de Julho de 1832 e de algumas outras retiradas dos navios, recorreu às cinquenta peças e dois morteiros depositados no Arsenal do Trem do Ouro, muito possivelmente lá deixadas desde a segunda Invasão Francesa, de 1809.⁵

Do lado miguelista também se começaram a levantar extensas linhas de cerco e a seu favor tinham o tempo, a abundância de materiais e equipamentos, os milhares de homens, soldados e civis requisitados, que levantaram rapidamente baterias, fortes e redutos, de onde partiram as colunas de ataque e os bombardeamentos constantes à cidade.⁶ Os miguelistas aproveitaram-se de ótimas posições estratégicas, como o Castelo de Gaia, que não puderam ser guarnecidas pelos liberais devido à múngua de tropas, insuficientes para se fixarem em locais afastados das suas posições na cidade. Face a este quadro, D. Pedro e o seu Estado-Maior fazem acelerar o levantamento das linhas defensivas do Porto, cientes da concentração sucessiva de tropas miguelistas, ao redor das cercanias do Porto. Para ilustrar a rápida mobilização de forças ao redor do Porto transcrevemos um excerto

⁵ Meireles, 1840: 63-64.

⁶ (...) tinham madeira e pedra a preço de o carretar. Começaram a edificar reductos e linhas de circunvalação, cercando a cidade em feitio de ferradura de cavalo. As ondas de uma barra difficultosa e intrincada quasi fechavam tanto a circunferência, que somente ficou o Castello da Foz, a mais de um tiro de espingarda da costa pelo qual os liberais tinham que comunicar com os seus recursos em mantimentos e munições de guerra e reforços; das quaes dependiam sua causa, e a existência do seu Reino Lilliputiano. In *Historia do Cerco do Porto: a guerra civil em Portugal, o Sítio até à morte de D. Pedro IV* (1870). Porto: Typ. Empreza Popular.

de uma carta dirigida ao governo miguelista pelo Coronel de Milícias, Agostinho de Sousa Pinto de Barros Cachapuz, com data de 28 de Agosto de 1832:

“ O nosso exército da parte de cá do Douro começa desde o Porto da Quinta do Freixo que he do Salter em frente a Avintes deitando as suas avançadas para a frente e flancos e vem o cordão a Valbom, S. Cosme, Franzeres e a tropa à esquerda que vai de Valongo. São 10 corpos comandados pelo Brigadeiro Valente, que são os regimentos de Infantaria nº 7 de Caçadores e nº 8, nº7 de infantaria e nº 13 2 Corpos de Voluntários Realistas e os mais são Milícias; à direita da mesma estrada e na mesma linha está a 4ª Divisão, que principia pela 4ª Brigada composta de Infantaria de Almeida, digo dos Corpos Realistas da Guarda, Infantaria de Chaves, Milícias de Guimarães e de Braga, em Baguim segue a 2ª Brigada composta de Infª de Almeida, dos Voluntários Realistas de Vila Real e de Chaves Corpos de milícias, segue a 3ª Brigada do Brigadeiro Cardoso composta de Infantaria de Valença, Voluntários Realistas de Braga e Corpos de Milícias, segue a 1ª Brigada que chega ao Convento da Formiga composta do Regimento de Cascais e Polícia do Porto Voluntários Realistas de Mirandela, e todas estas brigadas teem na sua rectaguarda hum meio parque de artilharia, com mais um obus que foi tirado aos rebeldes no dia 2 de passado em Souto Redondo.”⁷

Estas quatro divisões, referidas na carta, excedendo os 13.000 homens no início do cerco e ascendendo aos já referidos 30.000 efetivos no final de 1832, eram uma real ameaça ao Porto, aos seus habitantes e à guarnição liberal, parte dela barricada com cerca de 1.000 homens, no Convento da Serra do Pilar, na margem sul do rio Douro.

O Duque de Bragança (D. Pedro) percorria regularmente às linhas, acompanhado dos seus ajudantes de campo. Geralmente começava a inspeção de madrugada e voltava a fazê-la a meio da tarde. Com ele ia quase sempre o Comandante de Artilharia, Baptista Lopes.⁸ Aproveitava então para executar alguns tiros de experiência com o objetivo de verificar a eficácia e prontidão das bocas de fogo e dos respetivos reparos.⁹

Um dos problemas com que se debatia o exército liberal era pôr em condições de funcionamento as cerca de cinquenta bocas de fogo retiradas do Trem do Ouro, uma vez que provavelmente careciam de reparos que lhes permitissem ser colocadas em bateria. Uma situação destas obrigava à rápida construção de reparos simples e toscos, mas que se exigiam sólidos.¹⁰

Esta situação certamente contrastava com o parque de artilharia miguelista, constituído por peças de todos os calibres em bom estado, montadas em reparos de boa qualidade. Contudo, progressivamente, as baterias liberais multiplicaram-se, melhorando as suas

⁷ Ferrão, 1940: 346.

⁸ Ibidem: 330.

⁹ Esta deslocação constante de D: Pedro às linhas de fortificação do Porto é visível em todos os números da Crónica Constitucional do Porto, desde Julho de 1832 a Agosto de 1833, sendo estas relatos o artigo de abertura desta publicação.

¹⁰ (...) Assim, com tal vigilância, as fortificações progrediram enorme e rapidamente. Quando se chega a 14 de Agosto já estavam concluídos os novos baluartes da Foz e muito melhorados os que já há tempos existiam. Logo a 11 desse mês era nomeado comandante interino do Castelo de S. João da Foz o tenente coronel José da Fonseca. In Ferrão, 1940: 346.

condições de defesa por meio de grossos parapeitos preparados para absorver impactos de projéteis de artilharia. Também se abriram fossos, levantaram-se paliçadas e outros tipos de fortificação para deter ataques de infantaria e cavalaria.

A 19 de Agosto de 1832, estavam avançadas ou já concluídas as baterias liberais da Lomba, Quinta da China, Bonfim, Sério, Congregados, Aguardente, Monte Pedral, Carvalhido, Bom Sucesso e Cemitério dos Ingleses. Por falta de homens e de artilharia, os altos da Bandeira, do antigo Castelo de Gaia, da Afurada e da Pedra do Cão, ao sul do Douro, não puderam ser guarnecidos pelos homens de D. Pedro. Assim ficou isolado o famoso reduto do Convento da Serra do Pilar, onde menos de 1.000 homens, os chamados *Polacos da Serra*, ficaram cercados um ano. Ali ficou conhecido o Brigadeiro José António da Silva Torres (Barão do Pico de Celeiro), que foi nomeado governador e comandante do baluarte a 9 de Setembro de 1832.

Seguindo um conceito enunciado por Bernardo de Sá Nogueira, estas fortificações tornaram-se, em boa parte, redutos fechados, como pequenos fortins, aptos a oferecer resistência em contacto próximo com o inimigo, como por exemplo, a ruptura de flanco. É interessante transcrever o que Bernardo de Sá Nogueira expunha ao Ministro da Guerra, em 28 de Agosto de 1832:

“Para melhor defeza da cidade do Porto seria da maior utilidade que sua Magestade Imperial se dignasse mandar construir, em torno de cada uma das baterias que formam a nossa linha, um parapeito à prova de artilharia grossa, com fosso largo e profundo, e, quando a rocha embaraçasse a abertura d’este, em seu lugar se podiam pôr abatizes, palissadas, fraises, ou outros meios, combinados ou separados. D’esta sorte as baterias se tornariam redutos fechados, espécie de fortificação a mais apropriada às nossas circunstâncias, porque enfim, diz o Marechal de Saxe que ella offerece o melhor meio de occupar muito terreno com poucas tropas. As linhas de Lisboa em 1810 1811 e as que o marechal Soult fez construir nas Fronteiras da França em 1813 e 1814 compunham-se principalmente de redutos. As guarnições de obras fechadas pela gola, recebendo ordem de sustentarem um sítio, como esperam, não se retiram nem fogem, quando o inimigo penetra a linha de defeza, ou mesmo quando toma uma das obras que a formam. Não succede assim nas baterias abertas, porque às suas guarnições a primeira ideia que se lhes apresenta é de se retirarem, quando o inimigo penetrou em certa parte da linha, pelo receio de serem torneadas e atacadas pela gola.”¹¹

Ao analisarmos a *Collecção de Plantas e Perfiz das fortificações referidas à Carta Geral das Linhas dos exércitos Libertador, e Rebelde no Sítio do Porto* da autoria do Coronel Engenheiro Moreira, verificamos que existiam muitos redutos e baterias construídos sob esse conceito. São exemplos o reduto do Pinhal e o Forte da Luz, na estampa nº 2; reduto do Pastelleiro e a “Flecha dos Mortos”, na estampa nº 3; reduto de Wanzeller e reduto do Monte Branco, na estampa nº 4; reduto das Medalhas e reduto do Cobêllo, na estampa nº

¹¹ *Historia do Cerco do Porto: a guerra civil, o Sítio do Porto até à morte de D. Pedro IV.* 1870: 12.

6; reduto das Antas (Direita) e Bateria da Lomba, na estampa nº 8; reduto de Campanhaã, na estampa nº 9; reduto da Arrábida, na estampa nº 10. Todos estes exemplos dizem respeito às fortificações liberais.

Mas o exército miguelista também parecia ter levado em conta esta maneira de elaborar pontos fortificados. São exemplos o reduto de Bulgos e Forte de D. Miguel, na estampa nº 11; reduto de Serralves, reduto do Monte de Castro e Forte da Ervilha, na estampa nº 12; reduto da Ponte de Rio Tinto, na estampa nº 13; reduto de Val-Bom, reduto do Oiteiro do Tim, reduto do Verdinho, na estampa nº 14; reduto do Pinhal de D. Leonor, reduto do Trovão, reduto da Fonte Santa, Bateria Alta e Baixa de S. Payo, e reduto do Cabedello, na estampa nº 15; reduto do Padrão Novo de Vilarinho, Acampamento do 5º de infantaria, na estampa nº 16; reduto da Pedra do Cão, na estampa nº 17. Todas as outras áreas não citadas eram pontos abertos, mas quase sempre protegidos pela linha de defesa e forças de Infantaria, além de estarem posicionados em pontos elevados. Em forças de assédio, como o exército miguelista, a abundância de redutos deveu-se à necessidade de bloquearem as surtidas das tropas liberais, impedindo-as de romperem o cerco. Já que as tropas de D. Miguel não entravam, as de D. Pedro também não podiam sair, pelo menos por terra. Contudo, as forças liberais levaram a cabo pequenos ataques, chegando a atravessar o Douro para atacar pontos miguelistas no lado sul do rio.¹² Ainda acerca dos redutos fechados, Sá Nogueira afirmou que em torno de cada reduto se deveriam acumular meios defensivos “*como os strepes, os trous de loup, as fogueiras, os forninhos, etc.*”¹³ Sugeriu ainda o uso de globos de compressão, que não eram senão poderosas minas anti-pessoal, cargas com uma grande quantidade de pólvora negra, destinadas a ser detonadas dentro do próprio reduto ou bateria, em caso de ser tomada pelo inimigo. Tal rebentamento provocaria um número razoável de baixas e um abalo moral nos atacantes. Bernardo de Sá Nogueira insistia ainda na necessidade de o Porto ter duas linhas defensivas, uma exterior e uma interior, devendo-se também barricar as ruas que davam acesso ao centro da cidade, assim como as travessas entre elas, para evitar a dispersão do inimigo entre as diversas artérias do burgo. Apesar das contrariedades, quando se chegou ao fim do mês de Agosto, as entradas do Porto, pelo lado oeste, estavam defendidas pelas baterias de Massarelos (Bicalho e Arrábida), já quase concluídas. Igualmente em fase de acabamento estavam as baterias da Lomba, da Quinta da China, que cobriam o lado leste

¹² Vitorino, 1944: 8

¹³ Lima, 1933: 6-7.

da cidade. Em construção estavam as baterias da Torre da Marca, Virtudes, Vitória, Postigo do Sol, Fontainhas, Prado do Bispo e Seminário, encarando o lado sul do rio Douro, para dar a necessária cobertura ao reduto do Convento da Serra do Pilar. No norte da cidade, estavam já estabelecidas as baterias do Sério (D. Pedro e D. Maria II), Monte dos Congregados, Aguardente, Monte Pedral, Senhora da Guia, Bom Sucesso e Cemitério dos Ingleses.¹⁴ E gradualmente estes pontos fortificados foram sendo ligados por fossos, paliçadas, estacarias e abatases, estes nas entradas da cidade para, sobretudo, quebrarem ataques de cavalaria. Por detrás destas linhas fortificadas, estavam batalhões de voluntários, tropas de linhas e caçadores, que secundavam na defesa o esforço dos artilheiros ou vice-versa, quando a infantaria realizava assaltos e raides para atacar e destruir obras de fortificação dos miguelistas.

No mês de Agosto de 1832, com o Porto e o Convento da Serra do Pilar sob cerco, já a linha entre o Bonfim e a Aguardente, que ainda não estava concluída, foi atacada no dia 25 por uma forte coluna miguelista que avançou sobre os pontos fortificados de Aguardente e Congregados. As baterias lá posicionadas ripostaram, fazendo-os recuar.¹⁵

No decurso deste esforço de defender a cidade, o reduto da Serra do Pilar ia-se fortificando conforme era alvo de ataques contínuos do exército de D. Miguel, estando constantemente exposto a forte bombardeio das baterias miguelistas postadas em Vila Nova de Gaia. O primeiro ataque em força contra as posições liberais na Serra deu-se a 8 de Setembro de 1832, quando estavam ainda a iniciar as suas obras de fortificação. Neste dia começou o primeiro de muitos assaltos e ataques àquele reduto, cuja importância estratégica obrigou o exército miguelista a empregar grandes contingentes de tropas e sofrendo pesadas baixas.¹⁶

5. O quotidiano de guerra da Cidade do Porto

Era sob repetidos ataques e fogo de artilharia e de armas ligeiras que os trabalhadores e sapadores dos dois exércitos levantavam as fortificações. Eram constantemente alvo de requisições, tendo que se apresentar às obras, por vezes sob coacção. A documentação

¹⁴ Soriano, 1890: 25

¹⁵ (...) Assim, a 14 de Novembro as tropas de D. Pedro efectuaram uma sortida com um destacamento de mil e tantos homens, que transpõem o Douro, na Quinta da China, foram pela ladeira de Quebrantões reunir-se a 600 homens da Guarnição da Serra, a fim de atacarem a direita miguelista para afastar o inimigo das adegas de Vila Nova, donde deviam trazer algumas dezenas de pipas de vinho para exportar para Londres. O inimigo abandonou então uma bateria em face da Serra, recolhendo ao Alto da Bandeira. In Ferrão, 1940: 445.

¹⁶ Ferrão, 1940: 317

coeva é a prova da necessidade constante de homens para as fortificações e revela-se um património documental precioso, principalmente os manuscritos em depósito no Arquivo Histórico Municipal do Porto. São séries documentais relativas aos primeiros decénios do século XIX, passando, obviamente, pelo período do Cerco do Porto. O *Livro de Próprias* nº 26, a 10 de Agosto de 1832, refere-se a uma das ordens emanadas para o início das fortificações do Porto, onde o Conde de Vila-Flor, por meio de José Jorge Loureiro, Quartel Mestre General, solicita à Câmara Municipal que faça apresentar para serviço nas fortificações 1.000 pessoas com ferramenta apropriada (pás, enxadas e picaretas).¹⁷ Do mesmo Livro, a 15 de Agosto de 1832, José Jorge Loureiro, de novo dirigindo-se à Câmara Municipal, insiste na necessidade de os contingentes de trabalhadores para as fortificações serem enviados com regularidade e acompanhados de listas nominais remetidas aos engenheiros encarregados dos distritos militares, sendo ainda os turnos de trabalho ampliados de 1 para 3 dias. Isto significa que havia deserções e absentismos, o naquele período seria fatal ao andamento dos trabalhos, devido à rápida concentração das tropas miguelistas à volta da cidade. Era premente que os redutos e baterias estivessem concluídos porque estas necessitavam de parapeitos sólidos onde estivessem abertas canhoneiras devidamente orientadas e com plataformas para os obuses e para os morteiros. Por isso, na documentação analisada, existem pedidos concretos de pessoal ou materiais para determinadas baterias, o que demonstra a sua importância naquele momento.¹⁸ Contudo, verificamos que a comissão da Câmara Municipal afirmava não ter poder para compelir as pessoas ao citado serviço, embora, no *Livro de Próprias* nº 26, nos registos de 21 de Agosto do mesmo ano, a esta mesma comissão seja solicitado o envio de mais trabalhadores para se apresentarem no Monte Pedral e Aguardente. A provar a urgência de finalizar as fortificações, a 25 de Agosto este sector foi atacado por uma coluna inimiga, embora sem sucesso.¹⁹ No lado miguelista, pareciam ser mais pragmáticos quanto à mobilização de homens para as suas fortificações. O Coronel de

¹⁷ Dinis, 1967: 211.

¹⁸ *Copiador dos Offcios Avulsos* nº15, 1826-1832 (AHMP): fl 97-97 verso.

¹⁹ (...) *O Serviço Nacional e segurança pública exige o maior número de braços para os empregar nas Fortificações da Cidade, e a quem melhor os pode expedir, que a Câmara Municipal da mesma, dirigindo-me ao seu digno Presidente, sempre prompto a dar evidentes provas de patriotismo. O número de obreiros, que for possível conseguir, devem ser apresentados no sítio da Aguardente e no Monte Pedral aos officiais que alli dirigem os trabalhos. Carta de 21 de Agosto de 1832 dirigida ao Presidente da Câmara Municipal do Porto por José Dionísio Serra, Major Comandante de Engenharia.* In Livro de Próprias nº 26 Julho –Dezembro de 1832: fl 140

Milícias Cachapuz é bastante claro numa carta enviada para o governo de D. Miguel, datada de 28 de Agosto de 1832:

“No domingo forão apanhados destas redondezas os homens para fazerem as trincheiras aonde se pretende colocar a nossa artilharia para bater o Porto e por isso não se sabe quando será a entrada no mesmo, e se se demorar com certeza, não há mantimentos, nem para os cavalos, nem para as gentes, fica tudo assolado...”²⁰

Nos inícios de Setembro, os miguelistas começavam a fazer fogos de artilharia para o Porto, a partir da margem sul do Douro, principalmente de uma bateria com quatro morteiros situada no Alto da Bandeira. Bateria esta que provavelmente era o reduto do Trovão que na estampa nº 15 da Colecção de Plantas do Coronel Moreira, aparece, na sua forma final, com seis plataformas de morteiros e uma plataforma especial para o canhão-obus *Paixhans*. Noutras áreas da cidade, ao norte do Douro, o exército de D. Miguel erguera pontos fortificados, particularmente o Monte do Covelo e zona de Paranhos, que ameaçavam seriamente a linha defensiva liberal situada em frente àqueles pontos.

Tal justificará o assalto das tropas constitucionais a 16 de Setembro de 1832, contra estas obras e destinadas a destruí-las, o que de início foi conseguido. Mas o contra-ataque de uma brigada de infantaria miguelista fez com que os liberais se retirassem desordenadamente em direcção às suas linhas, mais recuadas no terreno. Este facto originou a tomada temporária do disputado reduto das Medalhas pelos miguelistas que perseguiram a retirada liberal, mas que depois foram desalojados por duas companhias de infantaria 18 e duas de infantaria 3.²¹

Em 1840, António José Nunes de Meireles, num impresso denominado *O Cerco do Porto em 1832 para 1833*, a partir da página 65, dá-nos uma visão alargada das duas linhas de combate – a de D. Miguel e de D. Pedro. Assim, este autor afirmava que as linhas defensivas levantadas por D. Pedro, em circunferência, mediam mais de 2 léguas, o que equivale a mais de 12 quilómetros. O início da linha junto ao Douro dava-se no cais e sítio do Bicalho, que ainda hoje existe na toponímia que designa o mesmo local na margem norte do Douro, hoje na envolvente da Ponte da Arrábida. Alargava-se então a linha até à Quinta da China, em Campanhã, sendo todos estes sectores cobertos por fortificações levantadas nos pontos altos da cidade, em locais que proporcionassem campos de tiro eficazes contra as baterias miguelistas na margem sul do Douro. A primeira bateria era na Boa Viagem (Bicalho), a segunda na Torre da Marca, a terceira na

²⁰ Ferrão, 1940: 339

²¹ Soriano, 1890: p 81-82

Bandeirinha, a quarta nas Virtudes, a quinta na Vitória, a sexta no Paço Episcopal, a sétima em Santa Clara, a oitava nas Fontainhas, a nona no Seminário e a décima na Quinta da China. Daqui subia a linha para o norte, encarando Valongo, Valbom e Rio Tinto, onde estavam estacionados fortes contingentes miguelistas. A partir desta linha estavam posicionadas outras baterias que, segundo Nunes Meireles, começavam no mirante de Barros Lima (estampa nº 8 - Bateria do Bom Retiro),²² bateria esta que defendia o vale de Campanhã, secundada pela bateria da Lomba. Continuava a linha para o alto do Senhor do Bonfim, onde estava a bateria com este nome. Daqui seguia até à bateria das Guellas de Pao, que com a do Bonfim, dominavam o vale e a estrada de Valongo. Depois prolongava-se a linha para a Póvoa de Cima, que dominava o vale das Antas, seguindo para os campos de Aguardente (hoje Praça do Marquês de Pombal), onde estava uma bateria. Na retaguarda deste sector da linha, estava a poderosa bateria do Monte dos Congregados, que além de ser o Quartel General do Conde de Vila-Flor, desde 8 de Setembro de 1832, era uma das baterias do sistema defensivo do Porto com mais importância, dado dominar todo o vale das Antas, até à Cruz das Regateiras, na estrada de Guimarães, cobrindo todas as fortificações dentro deste sector. Da Aguardente seguia depois para o Lindo Vale e estendendo-se até ao Monte Pedral, tendo à retaguarda a bateria de S. Brás, que cobria a planície do referido Lindo Vale, e outra bateria no Sério (baterias de D. Pedro e de D. Maria II),²³ que defendia a estrada de Braga e Paranhos. Já no Monte Pedral, a bateria da Glória cobria a área compreendida entre Paranhos, estrada de Braga, Vale de Regadas e também o reduto das Medalhas. Este dominava o vale de S. Mamede até à estrada de Vila do Conde, tendo na sua frente posições miguelistas importantes, como as de Arroiteia, Tilheira e Forte de D. Miguel.²⁴ Até 9 de Abril de 1833, o reduto das Medalhas teve também que enfrentar o poderoso reduto do Covelo, que nesse dia foi tomado pelo contingente liberal, comandado pelo Duque da Terceira. Do Monte

²² A Bateria do Mirante de Barros Lima é também designada Bateria do Bom Retiro. È designada de Barros Lima no *Atlas das Fortificações do Exército Libertador* dos Tenentes Barcellos e Banhos, de 1833. Por outro lado é designada de Bateria do Bom Retiro na Estampa nº 8 da *Collecção de Plantas e Perfiz das Fortificações referidas à Carta Geral das Linhas dos Exércitos Libertador e Rebelde no Sítio do Porto – Levantadas e publicadas por Ordem de S.M.I pelo Coronel Engenheiro Moreira*. São plantas idênticas, sem pormenores discordantes a não ser na designação.

²³ *A organização defensiva estabelecida no Monte Pedral comportava o Forte da Glória no alto do cerro, com acesso pelo Nascente, e uma pequena bateria a meia encosta na maior pendente da montanha que era voltada ao Norte. Em posições próximas, tendo entre elas a estrada de Braga (Rua da Rainha), ficavam os fortes de D. Pedro e D^a Maria, este mesmo junto do Sério (entrada da Rua do Vale Formoso)*. In Vitorino: 8

²⁴ *Carta Geral das Linhas dos Exércitos Libertador e Rebelde no Sítio do Porto – Levantadas e publicadas por Ordem de S.M.I pelo Coronel Engenheiro Moreira*.

Pedral continuava a linha até ao Monte Cativo, onde, segundo Nunes Meireles, haveria uma bateria. Porém, na *Carta Topographica das Linhas do Porto*,²⁵ não está assinalada nenhuma estrutura nesse ponto, sendo a bateria mais próxima a da Ramada Alta. Refere ainda este autor outra bateria na Falperra, que defendia o vale do Carvalhido e que seria, provavelmente, o forte ou a bateria de S. Paulo. Daí seguia a linha para a bateria do Bom Sucesso, que defendia os vales do Carvalhido, Ramalde e Lordelo, sobre a estrada de Matosinhos. Depois a linha chegava a outra bateria, no lugar chamado de Paiva e Pena, que defendia o vale de Lordelo, sobre a planície do norte da Arrábida. Bateria esta que corresponderia à bateria de Lordelo assinalada na referida Carta Topográfica. Fechava-se o perímetro desta primeira fase da linha defensiva do Porto, que tinha começado na bateria do Bicalho. Ao longo de todo este perímetro da linha, foram cortadas as ruas e caminhos transitáveis para o coração da cidade, sendo os acessos minados em pontos onde pudessem penetrar colunas de infantaria ou cavalaria.

6. O alargamento das linhas fortificadas

Apertando-se o cerco à cidade por parte do exército miguelista, é natural que este tentasse também fechar o acesso aos navios através da barra. No início do cerco, para estender a linha até S. João da Foz, os liberais verificaram que não havia guarnição suficiente para esse intento. Contudo, não o fazendo, perderiam o seu único elo com a orla marítima, por onde chegavam armas, munições, têxteis para fardamentos, mantimentos e outros bens de primeira necessidade. Em Janeiro de 1833, depois da chegada de Saldanha ao Porto, D. Pedro encarregou-o de realizar a extensão e alargamento da linha defensiva até ao mar, para evitar o estrangulamento da cidade. Fez-se também a dilatação do exterior da linha desde o Monte Pedral ao Carvalhido, Prelada, Mirante, Ramalde, Lordelo, Monte do Pasteleiro, directamente até à Senhora da Luz, sobre a praia. Ficou assim livre à circulação a estrada de S. João da Foz para o Porto, o que não obstava a que fosse arriscado lá transitar, devido ao intenso fogo do inimigo.

Construindo as fortificações debaixo de fogo, os liberais obrigaram os miguelistas a abandonar as posições da Luz, Pasteleira e Mirante, logo guarnecidas por tropas constitucionais, sobretudo por forças escocesas sob o comando Major Shaw. O exército miguelista teve que se reposicionar nos poderosos redutos do forte do Castro, forte da Ervilha e forte de Serralves.

²⁵ Ibidem.

Os miguelistas tinham iniciado as suas obras de assédio, distanciados, em média, seis quilómetros (1 légua terrestre), tentando estabelecer novas linhas cada vez mais próximas do Porto para permitir que a sua artilharia pudesse colocar mais eficazmente o seu fogo. Tinham todo o à vontade de escolher posições seguras que permitissem impedir qualquer tentativa de socorro aos sitiados. Citamos Nunes Meireles:

“Uma bateria miguelina foi levantada no Areal do Cabedello ao Sul da desembocadura do Rio Douro junto à Barra, impedindo assim a entrada do mais pequeno barco - 2ª na Pedra do Cão - 3ª em S. Payo - 4ª no Monte da Furada - 5ª no Verdinho - 6ª no Castello de Gaya - 7ª no Pinhal de D. Leonor - 8ª na Barroza - 9ª na Lavoura - 10ª na Fonte Santa - 11ª na Quinta do Fartura - 12ª no Pinhal Miudo - 13ª Bateria Nova - 14ª no Crasto - 15ª em Campo Bello - 16ª em Oliveira - 17ª na Quinta do Baetas - 18ª na Pedra Salgada.”²⁶

Estas dezoito baterias ao sul do Douro eram guarnecidas com peças, obuses e morteiros, entre eles a famosa *Paixhans*.²⁷ Flagelavam a margem norte do Douro e o Convento da Serra do Pilar. Inexplicavelmente, Nunes Meireles, ao longo da descrição das linhas, não se refere ao reduto da Serra, talvez por não o considerar materialmente integrado nas linhas da cidade do Porto. A verdade é que o Convento da Serra era o guardião do Porto a sul do Douro obrigando à dispersão de forças miguelistas e cobrindo as surtidas liberais que se faziam do Porto para Vila Nova de Gaia.²⁸ Mas continuamos a citar o autor acerca das linhas miguelistas, agora a norte do Douro:

“... e atravessando o Rio Douro para o Norte, levantaram outra soberba bateria no Monte de Valbom, e seguiram a linha do Pico de Tim onde formaram o Forte deste nome, e d’alli ao Monte Sobral formando neste um grande e forte reduto com acampamento até ao Pinheiro queimado onde construíram outra grande bateria - continuando a linha ao Forte Real, no alto de Contemil - seguiu ao Forte de Lamas, tendo na sua frente o monte das Antas a meia milha entre as duas linhas onde levantaram uma fortíssima bateria (com o qual muito incomodavam aos liberais mesmo nas suas baterias desde Barros Lima em circunferência até à Água-ardente), do Forte de Lamas seguiu a linha ao Este até Paranhos aonde construíram o Forte de D. Miguel (obra habilmente construída) tendo este na frente a distância de tiro de fuzil das linhas dos liberais o Forte do Covello, d’onde faziam fogo sobre os mesmos, e sobre as suas baterias do Lindo Valle um terrível fogo - seguiu a linha por S. Mamede à Tilheira onde outro Forte foi levantado, e continuou por Ramalde até ao Forte de Serralves tendo na sua frente as fortificações da Arroiteia, Bulgos, Prelada, Cruzinhas - d’alli seguiu ao Forte da Ervilha, até ao grande e disputado Forte do Castro, a fechar no do Queijo, sobre o mar distante uma milha de S. João da Foz; - além das fortificações mencionadas tinham na retaguarda vários Fortes em apoio de suas linhas.”²⁹

Achamos importante incluir esta extensa referência de Nuno Meireles, pois além de descrever os pontos fortes das linhas, tanto de D. Pedro como de D. Miguel, refere as

²⁶ Meireles, 1840: 68.

²⁷ Lima, 1933.

²⁸ O assalto de 14 de Novembro de 1832 é descrito por António Ferrão (1940) e o de 17 de Dezembro do mesmo ano é descrito na *História da Restauração de Portugal por S.M.I., o Duque de Bragança contendo a relação das batalhas e vitórias do Exército Constitucional* (1841): 150-151. Nesta última descrição relata-se a incursão de Caçadores 3 à margem Sul do Rio Douro para retirar pipas de vinho de um armazém, tendo-se destruído o Convento de Santo António de Vale da Piedade. A operação redundou num fracasso para os liberais que ficaram encurralados na margem do rio, após a fuga dos barqueiros.

²⁹ Meireles, 1840: 68-69.

áreas cobertas pelas baterias e pelos redutos. No entanto, muitas ficaram por referenciar, como por exemplo, as baterias do Salabert, Monte Branco, Terra Seca e outras pequenas baterias da esquerda da linha defensiva, que correspondem à referida extensão das linhas liberais até S. João da Foz. Aqui, Saldanha aproveitou as vantagens que o terreno oferecia, nomeadamente os muros de divisão dos campos de cultivo. Para contrariar os efeitos do forte miguelista do Castro, construiu num local estratégico a bateria do Pinhal, além de fazer levantar pontos avançados na linha defensiva, como a casa fortificada do Plácido. Pontos esses denominados de *flechas*, que estavam colocados nos intervalos das baterias e evitavam a ruptura nos flancos das mesmas.³⁰ Ficou famosa a *flecha dos mortos*, junto ao reduto do Pasteleiro, pois por ali verificaram-se pesadas baixas nos sucessivos combates para a tomar.

7. A Batalha de 29 de Setembro de 1832 – a quase queda do Porto

A 29 de Setembro de 1832, já as fortificações liberais do Porto e Convento da Serra do Pilar tinham sido duramente postas à prova pelo ataque em força do exército miguelista. Cerca de 10.000 soldados miguelistas dividiram-se em duas colunas e carregaram pela Quinta do Prado (hoje Cemitério do Prado do Repouso) chegando às estacarias da primeira linha. Atacaram, a partir das Antas, as posições constitucionais do Bonfim, Cativo e Fojo, assim como também, mais a oeste, foram flageladas as posições frente ao Covelo, Prelada e Carvalhido, para além do ataque em força à Serra do Pilar. Ao fim do dia a situação ficou, a muito custo, controlada pelos liberais, que restabeleceram de novo as suas posições iniciais. Esta batalha foi um duro teste às baterias, fortes e redutos que guarneciam a linha defensiva do Porto de D. Pedro, assim como testou a capacidade ofensiva do exército miguelista, que se revelou ineficaz, apesar da surpresa inicial provocada no exército liberal.

António Ferrão dá-nos conta de uma carta do escrivão Manuel José Ribeiro Araújo, datada de 5 de Outubro de 1832 para o ministro Paula Furtado:³¹

“Os soldados segundo todos affirmão, queixão-se dos sacrificios que fizerão por se construírem as nossas baterias em Paranhos, e outros pontos em que perderam bastante gente e com a construção das quais, promettia o Gen. Gaspar Teixeira destruir as baterias dos rebeldes, e o resultado foi nenhum, pois em lugar dos tiros destas baterias fazerem mal aos rebeldes o fazia às nossas tropas em V^a Nova de Gaia, porque as balas passavão por cima das baterias dos rebeldes para Vila Nova; queixão-se igualmente de serem mandados retirar por duas vezes das baterias do Monte Pedral, e Águas Ardentes que tinham d’assalto tomado aos rebeldes nos dias 13 e 16 de Setembro (...) queixão-se de ser muito mal dirigido o

³⁰ *História do Cerco do Porto* (1870): 44-45.

³¹ Ferrão, 1940: 372.

ataque geral do dia 29 de Setembro, porque devendo-se tentar a entrada pelos postos menos guarnecidos, e mais fracos dos rebeldes, que era pelas estradas de Avintes e de Leça, aonde apenas há alguma insignificante trincheira, pelo contrário os mandarão avançar em frente das baterias maiores e mais guarnecidas pelos rebeldes, como he desde o Sr. do Bonfim até à Aguardente cuja linha de entrincheiramento está de mais a mais defendida e coberta pelos fortes baluartes do Monte Pedral e da elevada posição da Quinta do Monte dos Congregados, donde jogão os artilheiros por toda a extensão da linha do Bonfim, até quase ao Carvalhido.”

Este pequeno texto demonstra os erros táticos e a ineficácia do fogo de artilharia por parte do exército miguelista, que impediram em parte que se tomasse uma cidade defendida por uma pequena guarnição apoiada por peças de artilharia que estavam enferrujadas, esquecidas e depositadas a esmo no Trem do Ouro.

Nesta batalha de 29 de Setembro destacaram-se algumas baterias liberais como as do Cativo, Fojo, Bonfim e Lomba. Esta última ficou recordada pelos cronistas, como o Marquês de Fronteira que nas suas *Memórias* afirmava:

“O inimigo, apesar da carga de cavallaria conservava-se ainda na posse da bateria da Lomba, que tinha tomado no começo do combate e onde os bravos académicos que guarneciam as peças preferiram a morte a retirar-se. O bacharel Negrão era o digno comandante: vi-o morto no centro da bateria. Os dois bachareis e irmãos Luiz e José Serrão também os vi mortos, abraçados um ao outro junto de uma peça, e o bacharel Guilherme António de Carvalho também morto ao lado d’outro.”³²

Dos fins de 1832 aos inícios de 1833, a situação na cidade deteriorava-se gradualmente no que respeitava às condições de vida, mercê do aumento do rigor do cerco e especialmente pelos bombardeamentos das baterias miguelistas da Furada, Pedra do Cão e Sampaio. Todas elas faziam fogo sobre a entrada do rio Douro e desembarcadouros da Foz, ao mesmo tempo que a situação se agravava devido à invernias e ao estado do mar. Após o 29 de Setembro, as fortificações liberais ao norte e ao sul do Douro foram reforçadas e fortalecidas. Além disso fizeram-se erguer novas baterias para reforço contra as baterias miguelistas que também se ergueram a fim de aumentar os bombardeamentos contra o Porto e o Convento da Serra. Assim, os liberais construíram as baterias do Cónego Teixeira, da Arrábida e do Ouro para bater as posições miguelistas ao sul do Douro, desde Santo António de Vale da Piedade até à bateria de Sampaio, estas que flagelavam os caminhos entre o Porto e a Foz.³³

Os habitantes do Porto adaptaram-se às vicissitudes da vida sob cerco, pois habituaram-se à rotina dos bombardeamentos feitos às horas mais incómodas: à hora das refeições, nas horas de missa ou ao recolher. Para protecção das casas utilizavam-se couros crus,

³² Vitorino, 1944: 68.

³³ Ferrão, 1940: 433.

que abundavam na cidade, e que eram espalhados pelos soalhos das salas, para amortecerem o impacto de granadas ou balas rasas. No entanto, mais tarde abandonaram-se os couros devido ao cheiro intenso que provocavam.³⁴

Durante o cerco, convergiram para o Porto tropas de reforço miguelistas vindas de Lisboa, Alentejo e Algarve, nomeadamente Infantaria 16, 1 e 14, Voluntários Realistas de Portalegre e Lamego, unidades de artífices engenheiros, etc. O exército miguelista continuava a estar dividido em quatro divisões operacionais, ocupando locais que podem ser observados na *Carta Topographica das Linhas do Porto*. Assim, a primeira divisão era comandada pelo brigadeiro José António de Azevedo Lemos, que se situava na margem esquerda do Douro, desde Avintes até à Foz, entre as baterias da Pedra do Cão e Cabedelo. Esta divisão era constituída pelas tropas chegadas de Lisboa e que haviam sido distribuídas pelo mirante do Boucinha, campo da Barrosa, no Verdinho e altos do Candal. A segunda divisão tinha no comando o tristemente célebre Teles Jordão (que havia sido comandante do Forte de S. Julião da Barra, onde foram severamente maltratados presos liberais). Esta divisão ocupava o perímetro desde a Senhora da Hora, Ramalde, Padrão da Légua e S. Mamede de Infesta, estando o comando sediado em Custóias. A terceira divisão era comandada pelo Marechal de Campo Augusto Pinto de Morais Sarmiento. Esta divisão estava posicionada desde a estrada de Braga até à de Valongo. Ocupava ainda as posições da Arroiteia, Cruz da Regateira, Águas Santas, Areosa, Contumil e Sobral. A quarta divisão, sob o comando do Coronel António Joaquim Guedes, alongava-se da estrada de Valongo até ao rio Douro. O Quartel-general situava-se no alto de Rio Tinto. Ao sul do rio Douro manobrava ainda uma coluna móvel comandada pelo Brigadeiro Nicolau de Abreu, que desde Setembro de 1832, tinha sido reforçada com sete peças de artilharia de calibre 12, dois obuses e mais uma peça de calibre 6.

A 8 de Novembro de 1832, a bateria da Furada, já concluída, bombardeava os navios fundeados no rio, a praia da Cantareira e o Trem do Ouro, onde estava um dos arsenais das tropas liberais. A 11 de Novembro, as duas baterias da Pedra do Cão e a enorme bateria de Sampaio ficaram também operacionais, batendo a entrada da barra, o Castelo de S. João da Foz e os seus acessos. Enquanto isso, D. Pedro e o seu Estado-Maior, dando conta do reforço miguelista que se estava a verificar, ao norte e ao sul do rio Douro, decidem fortificar o Monte da Senhora da Luz e respectiva povoação, guarnecendo-as

³⁴ *História do Cerco do Porto* (1870): 42.

com forças do batalhão francês e os Voluntários de Fafe.³⁵ A posição do Convento da Serra do Pilar também continuava a ser severamente atacada. Entre 13 e 14 de Outubro de 1832, após um período de inércia por parte dos miguelistas, que se recompunham da derrota de 29 de Setembro, foi lançado um pesado bombardeamento contra o reduto da Serra, desde a madrugada de 13 até às duas da tarde do dia 14, ou seja, trinta e três horas do fogo de quatro baterias de peças e uma de morteiros e obuses, preparando um ataque e realizando um amaciamento de posições. Foi acometida a Serra com uma força de 7.000 homens, que a coberto do fogo de artilharia de campanha, se dividiu em três colunas de ataque. Uma atacou a Eira, outra o centro da Cerca e a terceira irrompeu pela Calçada de Vila Nova. Os choques foram sucessivamente repelidos com pesadas baixas de ambos os lados. A Serra do Pilar voltou a ser atacada a 24 de Outubro de 1832, e de novo os miguelistas foram repelidos. Sem dúvida que a artilharia do Convento da Serra, em conjunto com a das baterias liberais ao norte do Douro, que lhe cobriam os flancos a leste e oeste, permitiu retardar e travar as colunas de infantaria miguelista.³⁶

8. A Resistência Liberal na Serra do Pilar

As pesadas baixas infligidas ao exército miguelista pela guarnição da Serra do Pilar, em todos os ataques anteriormente referidos, não vão impedir mais um ataque a este Convento, que aconteceu a 4 de Março de 1833, com um bombardeamento prolongado de todas as baterias posicionadas em redor do seu perímetro. Isto significa que o fogo de posição partia das baterias de Campobello, Forte do Castro, bateria Nova, bateria do Pinhal Miúdo, bateria da Fonte Santa e bateria do Pinhal de D. Leonor, conforme se pode constatar na Carta Topográfica do Coronel Moreira.

Diz-nos Nunes Meireles que o contingente absolutista saiu do seu acampamento pelo antigo campo da Carabella, em duas colunas, tomando a direcção do muro da cerca exterior do Convento, sendo repelidos no espaço de uma hora. Podemos verificar a importância que o Estado-Maior de D. Miguel dava à posição do Convento da Serra, cuja resistência por si só, era um catalisador moral para os habitantes do Porto e também por apoiar as sortidas ocasionais que o exército liberal fazia à margem sul do rio Douro. Se o Convento caísse, o choque moral no Porto seria fatal para a sua resistência. Por isso os miguelistas se dispuseram a repetidos ataques, sofrendo pesadas baixas, efectuando

³⁵ Ferrão, 1940: 436.

³⁶ Meireles, 1840: 83-86.

repetidos bombardeamentos, mas tudo sem sucesso, tanto pela encarniçada resistência dos homens de Torres como pela cobertura que as baterias liberais a norte do Douro realizavam sobre os sectores circundantes da posição do Convento da Serra do Pilar.

A norte do rio, no Porto, também se combatia arduamente, sendo os liberais levados a tomar a iniciativa de ações ofensivas para silenciar as baterias ou redutos miguelistas mais ameaçadores. Exemplo deste tipo de ações é a surtida liberal de 14 de Novembro de 1832. Esta dá-se como consequência do aumento do fogo de artilharia das baterias ao sul do Douro, que à ordem do Conde de Barbacena, comandante da divisão miguelista lá posicionada, pretendiam estrangular a entrada da barra e a saída de embarcações, assim como flagelar o Castelo de S. João da Foz. Era necessário impedir, mesmo que temporariamente, que a barra se tornasse ainda mais perigosa devido à artilharia inimiga. Por isso, é decidido realizar um assalto para destruir os entrancheiramentos e baterias daquela zona, que deveriam ser as posições da Furada e do Verdinho. Para tal, o Coronel Schwalbach e 1.600 homens atravessaram o rio Douro na zona da Quinta da China e desembarcaram em Quebrantões. Aí juntaram-se a 600 soldados da guarnição do Convento da Serra. Mais a oeste, o capitão Morgell, com um destacamento de marinheiros armados, passou o rio no sítio do Bicalho e atacaram a bateria da Furada.³⁷ A bateria do Seminário forneceu apoio de artilharia na travessia das tropas de Schwalbach. Os combates que então se desenrolaram levaram a que os miguelistas fossem forçados a recolher aos entrancheiramentos no Alto da Bandeira, desguarnecendo:

*“uma fortíssima bateria construída, em face da Serra do Pilar, pelo lado da cerca, a qual, por onze canhoneiras, devia bater de frente a cidade sobre toda a margem direita, e era guarnecida de uma mina em lugar de fosso. Esta bateria achava-se prompta e armada com peças de grosso calibre; as quaes nós teríamos infalivelmente inutilizado, se os rebeldes prevenidos, no dia antecedente por um espia, não houvessem possuído de tal medo, que os obrigou a retirar, não só as bôcas de fogo, mas a pólvora, bala, palmenta e todos os objectos que existiam na dita bateria. Então o destacamento de pioneiros saltando dentro della, a destruiu completamente, arrazando-lhe os parapeitos e um muro contíguo, que a flanqueava, entulhando a mina que lhe servia de fosso, arrancando-lhe a plataforma, e lançando fogo às madeiras e fachinas.”*³⁸

Torna-se difícil, através desta descrição, afirmar qual é a bateria abandonada pelos miguelistas, já que naquela posição só poderia ser o Forte do Castro de Mafamude ou a chamada Bateria Nova, mas nenhuma corresponde à descrição, como se pode constatar na *Colecção de Plantas e Perfis* da autoria do Coronel Moreira. No entanto, estas destruições ocasionais de fortificações miguelistas não provocavam danos permanentes,

³⁷ *História do Cerco do Porto* (1870): 88.

³⁸ *Notícia oficial das Operações do Exército Libertador*, 15 de Novembro de 1832. (AHMP)

já que tendo os liberais que voltar às suas linhas e abandonar os postos conquistados, eram estes reconstruídos pelos anteriores ocupantes. Nesta surtida, os homens de Morgell conseguiram encravar dois morteiros e inutilizar munições.³⁹ Três dias mais tarde, volta-se a realizar novo assalto das tropas liberais, desta vez em direcção ao norte do vale das Antas, até S. Cosme e também contra o Covelo. A intenção foi mais uma vez destruir e arrasar entrenchamentos e baterias. Em consequência dos duros combates, os liberais devastaram acampamentos e fortificações, desde Valbom até ao Covelo. Arrasaram-se muros, sebes, casas e tudo o que pudesse encobrir o inimigo do fogo da artilharia.⁴⁰ Afirmava a *Noticia Official das Operações do Exército Libertador* de 18 de Novembro de 1832, que nesta sortida as baterias instaladas no Covelo, consistindo em uma de morteiros e duas para peças, foram atacadas pelo Capitão Quaresma e o seu destacamento, incendiando as plataformas, cestões e fachinas, que as revestiam. Mais uma vez, acabado o assalto, as tropas liberais retornaram às suas linhas. Com a mesma intenção repetiu-se novo ataque a 28 de Novembro, com os mesmos resultados.⁴¹ A partir do ano de 1833, com a chegada de Saldanha ao Porto, as acções parecem tomar nova feição, depois do reforço das linhas no lado oeste do Porto (S. João da Foz). Já antes se tinha tentado um ataque à posição fortificada do Monte do Castro, que dominava, com fogo de artilharia, os movimentos liberais em S. João da Foz. Esse movimento, realizado em 24 de Janeiro desse ano, sob o comando do Barão de Solignac, fracassou, causando pesadas perdas aos liberais (252 homens).⁴² Luz Soriano afirma, na sua obra, que as medidas tomadas por D. Pedro quanto à mobilização e ao reforço de tropas na cidade e no Convento da Serra, resultaram que de Novembro de 1832 a Janeiro de 1833, o efectivo total das tropas liberais passasse de 12.591 para 17.688 homens, abundando um grande número de unidades de voluntários.⁴³ Chegou-se a falar, inclusive, no projecto de se criarem unidades femininas para apoio às tropas e aos feridos. Cremos nós que este projecto foi pensado à semelhança das *vivandières* do exército francês da época, acompanhando os corpos de exército para a frente do combate. Soriano afirma igualmente que os bombardeamentos aumentavam conforme os miguelistas se apercebiam de quanto lhes seria difícil penetrar na cidade. De facto, desde sempre, os bombardeamentos a cidades cercadas, para além de visarem estragos materiais, pretendiam afectar o estado de espírito moral dos habitantes. Segundo

³⁹ Meireles, 1840: 88.

⁴⁰ *Ibidem*: 91.

⁴¹ *Ibidem*: 93.

⁴² *História do Cerco do Porto* (1870): 38-39.

⁴³ Soriano, 1890: 225-226.

este autor, os bairros de Santo Ildefonso e de Cedofeita, durante algum tempo, estiveram a salvo do fogo de artilharia miguelista, o que levou a que muitas famílias do Porto para lá migrassem. Contudo, entre Fevereiro e Março, surgiram ao sul do Douro, novas baterias que, aproveitando as elevações do terreno, batiam já todos os pontos da cidade. Aperfeiçoara-se a bateria do Verdinho e uma outra, que Soriano refere e localiza na parte de trás de Vila Nova de Gaia. Embora Soriano não dê pormenores precisos sobre esta bateria, julgamos que se trata do Forte do Castro de Mafamude (estampa nº 14),⁴⁴ devido ao posicionamento, direcção de tiro e às dimensões implícitas dadas por aquele autor, na medida em que dali se conseguia fustigar a Serra do Pilar, a bateria do Prado do Bispo (Seminário) e a Corticeira. Ainda segundo Luz Soriano, foi a bateria do Candal (ou Verdinho) que meteu a pique o brigue de guerra *Vinte e Três de Julho* e danificou as corvetas *Amélia* e *Regência*, fundeadas no Douro. Também Hugh Owen⁴⁵ confirma que as baterias miguelistas ao sul do Douro tinham incrementado a sua acção naqueles meses iniciais de 1833, nomeadamente a bateria do alto de Gaia (Castelo de Gaia), que agora alcançava todas as ruas da cidade com o fogo das suas peças. Era uma excelente posição de artilharia que não pudera ser ocupada pelos liberais no início do cerco do Porto. Contudo, os liberais deslocaram artilharia pesada para o designado Paço do Bispo para contra-bater o fogo vindo do Castelo de Gaia, com resultados que segundo escritos da época, obrigavam os artilheiros miguelistas a carregar os morteiros e peças quase às escondidas e assim fazerem os disparos, mal apontados e imprecisos. Refere ainda Hugh Owen que a dita bateria do Paço do Bispo fazia fogo cruzante contra as posições do Castelo de Gaia. Ao analisarmos a Carta Topográfica da autoria do Coronel Moreira, verificamos que para haver cruzamento de fogos vindo da zona da Sé e Paço do Bispo, teria sido provável que a bateria da Quinta das Virtudes e a bateria da Torre da Marca coadjuvassem esses fogos cruzados sobre o Castelo de Gaia, principalmente tendo em conta os efeitos descritos acima. A 4 de Março de 1833, ao mesmo tempo que se atacava a Serra do Pilar, os miguelistas tentam forçar as posições liberais do Pasteleiro, o Pinhal e a Senhora da Luz, crenes que uma chamada *bateria nova* estaria ainda desguarnecida de artilharia. Sob ordens de Saldanha, esta bateria tinha sido artilhada em segredo, e o desconhecimento deste facto levou a infantaria miguelista a avançar em força e rapidamente, confiante de que eu não teria oposição. O resultado foi que as peças ocultas

⁴⁴ Ibidem: 287.

⁴⁵ Owen, 1915: 241-242.

da *bateria nova* receberam as colunas de infantaria miguelista com descargas cerradas de metralha a curta distância, provocando pesadas baixas.⁴⁶

*“Debalde pertenderam os Officiais rebeldes fazer tornar à carga os seus soldados; o sangue frio com que os nossos bravos os esperavam, os enchia de terror: os foguetes incendiários lançados do forte de N. Senhora da Luz, e a artilharia do Pasteleiro completaram a total derrota destes esteios do usurpador.”*⁴⁷

Este excerto refere o uso dos foguetes de Congrève que consistia num projétil auto propulsado por pólvora negra, sendo a trajetória estabilizada por intermédio de uma vara ou pela saída dos gases pelos orifícios inclinados existentes no fundo e que lhe proporcionavam um movimento de rotação. A ogiva podia ser maciça ou explosiva.⁴⁸ Ainda em Março, no dia 24, os miguelistas atacaram as posições das Antas recentemente ocupadas pelos liberais e conseguiram destruir as fortificações ali começadas e estabeleceram-se naquele perímetro. À esquerda da linha (oeste) os miguelistas bombardeavam continuamente os pontos liberais, com o fogo de artilharia dos Fortes do Castro, Ervilha e Serralves, cujas localizações e articulação se podem constatar na *Carta Topographica das Linhas do Porto* com um amplo campo de tiro cobria toda a frente esquerda das linhas liberais desde o Forte da Luz até à *Flecha dos Mortos*. Sob este fogo de cobertura, a infantaria miguelista, organizada em colunas, avançou à carga. O reduto do Pinhal sofreu o primeiro embate mas um destacamento de Infantaria 6, conteve o ataque, protegidos pelo reduto fechado e com cinco canhoneiras semi-circundantes puderam superar a vantagem numérica dos miguelistas. As forças miguelistas então tentam o reduto do Pasteleiro, mas sem sucesso, pois a artilharia em bateria e os já referidos foguetes de Congrève repelem o ataque. O Estado-Maior liberal decide então recuperar a valiosíssima posição das Antas que lhes permitiria enfrentar a linha de cerco miguelista daquela zona e que se estendia do Forte de Contumil até ao Acampamento do Sobral. Avançaram duas colunas do exército de D. Pedro, uma comandada pelo Brigadeiro Schwalbach, composta por várias unidades diferentes, como Infantaria 10, 9 e um destacamento da Brigada Real de Marinha, a outra era comandada pelo Coronel Francisco Xavier da Silva e com unidades de Infantaria 3, outra parte da Brigada Real de Marinha e Caçadores 5. Este contingente consegue retomar a posição das Antas e assumir

⁴⁶ *História da Restauração de Portugal por S.M.I., o Duque de Bragança contendo a relação das batalhas e vitórias do Exército Constitucional* (1841): 180.

⁴⁷ *História do Cerco do Porto* (1870): 47.

⁴⁸ *Síntese Histórica da Artilharia Portuguesa. Exposição Comemorativa do VI Centenário da Artilharia no Museu Militar do Porto.* (1982): 115.

posições, desta vez definitivamente. Ainda na *Notícia Oficial do Exército Libertador* de 25 de Março de 1833 é referido o seguinte:

*“O primeiro-sargento d’Artilharia, José Thimoteo Moreira, Comandante da bateria do Cativo, pelas boas pontaria que fez, e estragos que causou ao inimigo, obteve do mesmo General os maiores elogios, considerando-o digno de recompensa. (...) Por esta ocasião o General Conde de Saldanha recomenda o Capitão Guedes, Comandante da artilharia no reducto do Pinhal...”*⁴⁹

Entretanto, as baterias miguelistas ao sul do Douro continuavam a bombardear a cidade e a causar graves prejuízos em bens e pessoas o que levou a criarem-se comissões municipais e o Estado Maior para supervisionarem os estragos causados pelo fogo de artilharia das baterias miguelistas. Ficaram provas documentais deste tipo de preocupações:

“Para a Comissão para o recenseamento das perdas causadas pelo projecteis inimigos.

*Illmos. Snrs. Tem esta Comissão a honra de participar a V. S^a que ella já fisera em consulta sua à Augusta Presença e à de S. M. 1 cópia authentica do officio ou representação que V. Sas. lhe dirigirão para esse mesmo effeito em data de vinte e dois do corrente, podendo V. Sas. ficar na certeza de que ella lhes dará logo parte de qualquer resolução, que o Mesmo Ausgusto Snr. se dignar tomar a tal respeito. Outro sim participa a V. Sas. que já expedira as ordens necessárias para que quanto autos compareção perante V. Sas. os dois peritos, ou Mestres (Carpinteiro, e [?]) António José Correia e José Carlos Ferro, que se requisitão no seu outro officio de 24 do mesmo mês...”*⁵⁰

Este texto demonstra que eram requisitados mestres de ofícios como carpinteiros, pedreiros, não só para as fortificações, mas para a supervisão de obras de edifícios públicos e habitações afetadas pelo fogo de artilharia. Esta comissão para o recenseamento dos prejuízos causados pelos projéteis iria funcionar durante todo o Cerco do Porto, emitindo ofícios que vão datados desde Agosto de 1832 até Agosto de 1833 e chegam a especificar os locais atingidos ou donde foi disparado o fogo que provocou os estragos. Por exemplo, no *Livro de Próprias* nº 26, de Julho / Dezembro de 1832 e num Ofício camarário datado de 15 de Novembro, dava-se conta dos estragos causados no Convento de Santo Elói por uma granada de artilharia. Ainda no mesmo Livro, em 4 de Dezembro de 1832, afirmava-se que uma série de granadas atingiu o Convento de S. Domingos, provocando incêndios nos edifícios e armazéns contíguos, não só provocando estragos materiais mas também baixas entre a população civil e a guarnição. Nas séries documentais da época e atualmente depositadas no Arquivo Histórico Municipal do Porto, são frequentes os ofícios dando conta destas circunstâncias, o que prova que as baterias miguelistas ao sul e ao norte do Douro provocavam mais estragos do que a imprensa liberal (como a *Chronica Constitucional do Porto* ou o *Arauto Portuense*, entre

⁴⁹ *Notícia oficial das Operações do Exército Libertador*, 25 de Março de 1833.

⁵⁰ *Coppiador dos Officios Avulsos n°17*, 27 de Dezembro de 1832: fl 66 e 66 verso. (AHMP).

outros impressos) pretendia fazer crer. De facto, a guerra civil de 1832-1834 não se fez somente com armas mas também na imprensa e no plano editorial, tentando minar o moral do antagonista ou enlevar os seus próprios feitos.⁵¹

Enquanto a população civil sofria as vicissitudes do cerco e da guerra, os combates nas linhas da frente prosseguiram, envolvendo todos os meios, estando a sorte dos combates dependente da resistência das sempre presentes baterias, fortes e redutos.

A 9 de Abril de 1833, as tropas liberais investiram contra o Forte do Covelo, ainda em mãos miguelistas. Esta posição estava localizada numa área bastante saliente nas linhas miguelistas e dominava um vasto sector face às defesas liberais, desde o Monte Pedral até às Antas. O ataque das tropas de D. Pedro pretendia libertar as suas linhas da ameaça constante do Forte do Covelo. A força, com os regimentos de infantaria 9 e 10, mais alguns batalhões de voluntários, que atacou o Covelo dividiu-se em duas colunas que avançaram em passo acelerado a coberto de muros e caminhos protegidos e após árduos combates, tomaram a posição ao fim da tarde do dia 9 de Abril. Os miguelistas, na altura, ocupavam o Monte do Covelo com destacamentos dos regimentos de Infantaria 12 e 13, um regimento de milícias e um batalhão de Voluntários Realistas. Durante a noite, e após o ataque, os miguelistas tentam retomar a posição, mas sem êxito. Na madrugada do dia 10 atacam de novo reforçados pelos regimentos de Infantaria 7, 19 e 22, acabando por recuar ao fim de quatro tentativas. A última investida ocorreu pelas cinco da tarde desse mesmo dia, tendo sido de novo repelidos.⁵² Durante esses dois dias, debaixo de fogo e dos repetidos assaltos do exército de D. Miguel, o Coronel de Artilharia Costa e os Voluntários Provisórios de Santa Catarina reedificaram o reduto do Covelo, provavelmente com a estrutura que aparece nos dois álbuns de plantas, constantemente referidos neste estudo (estampa nº 6). As fases finais do cerco ocorreram entre 10 de Abril e até à batalha final de 25 de Julho desse ano. A 21 de Junho, sai para a costa do Algarve a pequena expedição liberal sob o comando do Duque da Terceira (com cerca de 2.500 homens) e que irá tomar parte no assalto a Lisboa.

No dia 5 de Julho, os miguelistas atacam em força a zona avançada de Lordelo, entre a Quinta do Vanzeller e a Casa do Plácido, com o fito de cortar a comunicação da cidade

⁵¹ Veja-se a compilação de imprensa contida no catálogo *O Cerco do Porto. Exposição Comemorativa do 150º Aniversário* (1982). Porto, Casa do Infante.

⁵² Marçal, 1957:9.

com S. João da Foz e com a fonte de abastecimentos dos liberais.⁵³ Também a norte da cidade, três colunas miguelistas avançaram sobre as linhas liberais no Monte Pedral, onde os piquetes tiveram de retirar devido à superioridade numérica do inimigo. Os miguelistas, contudo, foram expulsos por um destacamento de 200 homens de Infantaria 9, a coberto do intenso fogo de artilharia da bateria do Monte Pedral, que ficava mais acima do reduto do mesmo nome, das baterias de D. Maria II e de D. Pedro IV no Sério (Vale Formoso) e do Forte do Covelo, agora em posse dos liberais.⁵⁴ Além do fogo de artilharia, o batalhão de Empregados Públicos, representado por 100 homens, postou-se em linha de atiradores desde o Monte Pedral até à Quinta da Prelada, apoiando Infantaria 9.⁵⁵

Na zona da Prelada, os miguelistas, que se tinham fortificado na casa da quinta do mesmo nome, são bombardeados pelas baterias da Ramada Alta, da Glória e de S. Paulo e tomados de assalto por quatro companhias de atiradores belgas. Estes tomaram o reduto da Prelada, ficando com um ponto avançado e próximo do forte miguelista de Bulgos (Burgos). Segundo Luz Soriano, após este combate, o Comandante Geral de Artilharia elogiou o bom serviço das baterias envolvidas e que haviam causado danos consideráveis ao inimigo. Recomendou igualmente o Capitão Alexandre Pinto de Sousa, comandante da bateria de Campanhã, o Primeiro-sargento Francisco José Maria Azevedo, o Comandante da bateria do Salabert e o Cabo de Artilharia Frederico Augusto Pimentel, servindo na mesma bateria.⁵⁶

9. O início do fim do Cerco do Porto

Os combates finais do Cerco do Porto ocorreram a 25 de Julho, antes de a frente da guerra se transferir para Lisboa e para o sul. Hugh Owen refere que os preparativos para o ataque miguelista já duravam há alguns dias, causando uma inesperada calma em que as próprias baterias estavam em silêncio.⁵⁷ A 24 de Julho, algumas famílias portuenses, que se tinham refugiado a bordo de navios surtos ao largo do Douro, voltaram para casa, perante a acalmia e não tendo em perspectiva mais nenhum ataque sério.⁵⁸

⁵³ Meireles, 1840: 127.

⁵⁴ Estampa nº5 da Collecção de Plantas e Perfiz (...)

⁵⁵ Marçal, 1957:9.

⁵⁶ Soriano, 1890: 536.

⁵⁷ Owen, 1915: 290.

⁵⁸ *Ibidem*: 219-296.

No entanto, o General Saldanha, que durante a noite, numa das suas rondas às linhas, havia ouvido à distância o rodar de reparos de artilharia e o deslocamento de tropas, dirigiu-se, na madrugada de 25, à bateria da Glória, para inspeccionar a frente e confirmar as suas suspeitas de que os miguelistas estariam a concentrar tropas para um ataque. Assim, decidiu comunicar a iminência de um ataque em força dos miguelistas ao Duque de Bragança. D. Pedro, informado, deslocou-se à bateria da Ramada Alta para, pessoalmente, verificar a linha e as guarnições desde o Carvalhido até à Pasteleira.⁵⁹

Ao romper do dia, as posições miguelistas dos fortes de Serralves, Ervilha, Catro, das baterias do Verdinho, da Furada e outros pontos fortificados, começaram a bombardear as vias que da cidade conduziam para o sítio do Lordelo e Monte da Pasteleira, demonstrando que pretendiam evitar que os redutos liberais, naqueles pontos, fossem reforçados e que tinham em mente romper a linha naquele sector. O Marechal Bourmont, um veterano das Guerras Napoleónicas e da campanha da Argélia de 1830, agora ao serviço de D. Miguel e comandando as tropas, fez avançar a infantaria e a cavalaria, depois do bombardeamento. Eram oito colunas, num total de onze a doze mil homens, que deixaram os aquartelamentos entre as linhas situadas entre o Forte d'Arioza (Areosa), Forte de Lamas, Forte de D. Miguel, casas fortificadas da Arroiteia, Forte de Bulgos, Forte de Serralves, Forte da Ervilha e do Forte do Castro. Os miguelistas destacaram, ainda, uma pequena coluna sobre os lugares de Francos e da Prelada e outra coluna, com seis peças de campanha em apoio, foi direccionada sobre o centro e a leste da Quinta de Vanzeller.⁶⁰ Além disso, fizeram emboscar dois esquadrões de cavalaria num pinhal próximo. A terceira coluna, com um esquadrão de cavalaria, manobrou sobre Lordelo. As duas colunas mais fortes, com três esquadrões de cavalaria e dez peças de artilharia de campanha, apresentaram-se sobre a Pasteleira. Foi com este dispositivo ofensivo que as tropas de D. Miguel atacaram em força as linhas liberais desde o Carvalhido até a oeste da Pasteleira e a leste do reduto do Pinhal. Sobre a Quinta e reduto de Vanzeller, a carga miguelista foi intensa, em passo de carga, composta por três colunas cobertas por duas baterias de campanha. Os liberais, sobretudo escoceses, encurralados nos entrancheiramentos, após as primeiras descargas dos seus mosquetes, defenderam-se carregando à baioneta sobre o ataque miguelista, conseguindo tomar-lhes algumas peças de campanha. Os combates nas posições de Lordelo e Pasteleira mostraram-se igualmente

⁵⁹ Meireles, 1840: 135.

⁶⁰ Valente, 1945: 129-130.

duros, disputando-se duramente o terreno em torno dos dois contendores com pesadas baixas. De todas as posições citadas, foram os miguelistas rechaçados entre as 10 da manhã e o meio-dia. Um pouco mais tarde, a linha entre a Quinta da China e o Bonfim foi ameaçada pelos miguelistas, mas estes foram repelidos, apesar da retirada momentânea de alguns piquetes liberais.⁶¹ Nesse momento, o próprio General Saldanha pondo-se à frente dos oficiais de Estado-Maior e vinte lanceiros, carregou sobre as tropas Realistas fazendo-as retirar.⁶² Do lado sul do Douro, o Barão do Pico do Celeiro (General Torres), vendo a batalha que se desenrolava no Porto, mandou a sua artilharia fazer fogo sobre as baterias miguelistas, que de Gaia procuravam apoiar as operações dos seus camaradas no outro lado do rio. Do Convento da Serra saíram ainda três destacamentos contra os piquetes inimigos postados entre Quebrantões e Campo Bello. Devido ao assalto dos liberais, os piquetes miguelistas tiveram que abandonar muitos dos seus postos. Estas manobras fizeram com que, durante algum tempo, se dispersasse o esforço miguelista que estava concentrado a norte do rio, aliviando-se assim a pressão do ataque sobre o Porto.⁶³

Em todos os sectores, os liberais, a custo, conseguiram evitar a ruptura das linhas, perante o ataque em massa das tropas do General Bourmont, que acabaria por ser derrotado, assim como o derradeiro projecto de D. Miguel para acabar com a resistência do Porto. Entretanto, Lisboa estava já nas mãos do Duque da Terceira.

O sucesso da resistência do Porto esteve em boa parte dependente do desempenho das fortificações que protegiam as linhas liberais e a prova disso é o apreço demonstrado pelo Comandante Geral da Artilharia que:

*“elogia as guarnições de todas as baterias desde a Senhora da Luz até à Quinta do Wanzeller, assim como as da margem direita do Douro: aquellas pelo bem dirigido fogo que fizeram contra as colunas inimigas que vinham ao ataque, causando-lhes consideráveis estragos; e estas pelo muito que distrahiram a atenção das baterias inimigas que do Sul do Douro protegiam com o seu fogo os movimentos das suas colunas contra as nossas posições ao Norte do mesmo rio. Este Comandante faz particular menção do Major Barros Lobo Comandante da Artilheria no Distrito da Foz; dos Capitães João Machado Guedes Comandante da Artilheria no reducto do Pinhal; Manoel Thomaz dos Santos Comandante da Artilheria no posto do Wanzeller; do 1º Tenente José Vitorino Damásio; dos 2ºs Tenentes José Veríssimo Ribeiro, Bertoldo Francisco Gomes, João da Rosa, e José Estevão Coelho Guimarães; e do Aspirante a Official Carlos Teixeira de Gouvêa, os quaes muito se distinguiram neste dia, não só pelo bem dirigido fogo que fizeram, mas também pelo sangue frio, com que se conservaram no comando dos respectivos postos debaixo de um vivissimo fogo das baterias inimigas.”*⁶⁴

⁶¹ Soriano, 1890: 444-446.

⁶² Meireles, 1840: 143.

⁶³ Ibidem: 145.

⁶⁴ *Notícia official das Operações do Exército Libertador*, 25 de Março de 1833.

O cerco é finalmente levantado após o último combate no Porto em 18 de Agosto de 1833. A 17 de Agosto, os miguelistas a norte do Porto abandonaram as posições do Castro, Ervilha e Serralves e concentraram-se entre Contumil e as Antas. As posições abandonadas junto à Foz foram ocupadas de imediato pelas tropas liberais.

Conclusão

Durante a noite Saldanha encontrava-se no sector entre o Carvalhido e a posição da Quinta do Vanzeller, onde mandou concentrar as suas tropas. Estas começaram então a deslocar-se em direção ao Padrão da Légua e S. Mamede, surpreendendo assim os miguelistas nos seus acantonamentos, pois ali se situavam as principais concentrações da sua infantaria. Originaram-se localizados mas violentos combates no interior dos acampamentos, levando à debandada ou rendição dos soldados miguelistas. Depois de fixarem os pontos conquistados, as forças liberais continuaram a avançar até Contumil onde se haviam concentrado as tropas miguelistas que haviam retirado da Foz do Douro.

Outra coluna, sob o comando do Coronel Xavier, atacou o Forte de D. Miguel, próximo do sector acima referido, sofrendo perdas graves. O Brigadeiro Zagallo, com a sua coluna, avançou sobre Campanhã em direção a Valbom. As colunas liberais obrigaram o inimigo a retirar das suas fortificações (só deixando guarnecido o Forte de D. Miguel) e a concentrar-se na serra de Valongo. Mais tarde, os miguelistas, nas suas retiradas, vão-se distanciar do Porto cerca de 25 km, tentando bloquear as estradas ao sul e ao norte do Douro, mas sem sucesso, pois foram desalojados por repetidos ataques liberais a Azurara, Melres, Lomba, Baltar, Vila do Conde e Pedrouços.⁶⁵ Estava terminado o rigoroso cerco à cidade do Porto e ao Convento da Serra do Pilar, após onze meses e dez dias, que sujeitaram os habitantes aos intermináveis bombardeamentos, combates, árduas privações e as divisões sociais típicas de uma guerra civil. Tinha sido um ano debaixo do fogo constante de artilharia que lançava continuamente balas rasas, bombas, granadas e foguetes incendiários, indiscriminadamente, sobre alvos militares e civis. Viveram-se momentos de fome e surgiram epidemias como a cólera *Morbus*, que provocaram tantas vítimas como os combates em si. Tanto a guarnição liberal sitiada como o exército miguelista sitiante sofreram pesadas baixas entre mortos, feridos e mutilados provocados pelos combates, principalmente pelo fogo de artilharia das dezenas de baterias, fortes e

⁶⁵ Meireles, 1840: 159-160.

redutos espalhados pelas linhas de D. Pedro e D. Miguel. O cerco afectou igualmente os trabalhadores civis, que durante este período erigiram e fizeram a manutenção das extensas linhas de fortificação de ambos os lados. Ao recordar as mortes e sequelas consequentes do conflito, pretende-se salientar a importância e memórias que as fortificações constituíram e como influenciaram o decurso dos acontecimentos e o resultado de muitos combates.

Estas estruturas fazem parte da história do Grande Porto e do papel fundamental desta região na História das Guerras Liberais de 1832-1834. No contexto do Romantismo, este cerco, apesar da dor, sofrimento e morte que dele adveio, não oblitera o sentido épico que o povo da Cidade do Porto assumiu durante aquele ano.

Bibliografia

Alexander, J. E. (1835). *Sketches in Portugal during the civil war of 1834*. Londres: James Cochrane and Co.

O Arauto Portuense. (1832). 17 Nov. – 15 Dez. 1832. Porto.

Areias, M. (1963). *Uma peça de artilharia para arrazar o Porto*. Porto: Tripeiro, 6ª série. 3 de Setembro.

Basto, A. M. (1945). *A palavra do Coronel Owen*. Porto: *O Primeiro de Janeiro*. 18 de Maio.

Basto, A. M. (1932). *O Porto sob metralha*. Porto: *O Primeiro de Janeiro*. 9 de Setembro.

Beça, A. (1926). *O Porto no tempo de Saldanha*. Porto: Tripeiro, 3ª série. 11 de Junho.

Beça, A. (1926). *A Serra do Pilar*. Porto: Tripeiro, 3ª série. 5 de Março.

Beça, H. (1910). *Um episódio do combate de Valongo*. Porto: Tripeiro, 3 de Julho.

Cardoso, J.B.G (1953). *A Papa-malhados*. Porto: *Tertúlia das Cinco e Meia na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto*.

O Cerco do Porto. Exposição Comemorativa do 150º Aniversário do Cerco do Porto (1982). Porto: Casa do Infante.

Chronica Constitucional do Porto. Porto: 1-144, Julho-Dezembro de 1832, 1-308, Janeiro-Dezembro de 1833.

Conversa entre a peça de ferro Paulo Cordeiro e a estátua de pedra O Porto. (1832). Porto: Imprensa da Gandra & Filhos.

Cordeiro, J. M. (1895). *Apontamentos para a História da Artilharia Portuguesa*. Lisboa.

Dinis, J. (1967). *O General José António da Silva Torres*. Tripeiro, 6ª série. 7 de Julho.

Ferrão, A. (1940). *O Cerco do Porto (1832-1833)*. In *Reinado de D. Miguel*, vol.I. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar.

Freitas, E. A. C. (1954). *Um episódio da Guerra Civil (1832)*. Tripeiro, 5ª série. 10 de Novembro.

- Historia abreviada do Cerco da cidade do Porto durante os annos de 1832.* (1841). Lisboa: Jornal do Exercito Portuguez.
- Historia do Cerco do Porto: a guerra civil, o Sítio do Porto até à morte de D. Pedro IV.* (1870). Porto: Typ. Empreza Popular.
- Historia da Cidade do Porto* (1965). Vol.3. Porto: Portucalense Editora.
- Historia da Restauração de Portugal por S.M.I o Duque de Bragança contendo a relação de batalhas e victorias do exercito constitucional.* (1841). Rio de Janeiro: Typographia de Laemmert.
- Hodges. G. L. (1833). *Narrative of the expedition to Portugal in 1832, under the orders of His Imperial Majesty Dom Pedro, duke of Braganza.* Londres: James Fraser.
- Lagoa, R. (1954). *A casa do campo do Rou, antes e durante o Cerco do Porto.* Tripeiro, 5ª série. 10 de Outubro.
- Lima, H.C.F. (1933). *Uma "Berta" no Cerco do Porto em 1832-1833.* Lisboa: Henry Gris & Ca.
- Lima, H.C.F. (1932). *Legião Polaca ou Legião da Rainha Dona Maria Segunda.* Vila Nova de Famalicão: Tip. Minerva.
- Marçal, H. (1957). *A Freguesia de Paranhos e o Cerco do Porto.* Porto: Amigos do Porto.
- Martins, F. (1945). *História do Exército Português.* Lisboa: Editorial Inquérito.
- Mattoso, J. (1992). *História de Portugal.* Vol.5. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Moniz. A.B.C. (1909). *Um episódio do Cerco do Porto.* Tripeiro, 1ª série. 2 de Agosto.
- Napier.C. (1836). *An Account of the War in Portugal between Don Pedro and D. Miguel.* Londres: T. & W. Boone.
- Noticia Official das Operações do Exército Libertador.* Porto, 1-18, Julho de 1832 a Setembro de 1833.
- Ordens do Dia do Exército de D. Miguel.* 1-108, Janeiro a Dezembro de 1832, 1-99, Janeiro a Agosto de 1833.
- Ordens do Dia do Exército de D. Pedro.* 1-230, Outubro de 1828 a Novembro de 1832, 1-117, Novembro de 1832 a Agosto de 1833.
- Owen. H. (1920). *O Cerco do Porto contado por uma testemunha.* Porto: Renascença Portuguesa.
- Owen, H. (1836). *The Civil War in Portugal and the Siege of Oporto.* Londres: Edward Moxon.
- Peres. D. (1935). *História de Portugal.* Vol.7. Barcelos: Portucalense Editora.
- Rubim. N.J.V. (1985). *Artilharia Histórica Portuguesa.* Lisboa: Museu Militar.
- Saint-Pardoux, Barão de. (1835). *Campagnes de Portugal en 1833 et 1834. Relations des principaux évènements et des operations militaires de cette guerre.* Paris : Depot Central de La Librairie et de La Musique.
- Saraiva, J.H. (1983). *História de Portugal.* Vol. 3. Lisboa: Selecções do Reader's Digest.
- Síntese Histórica da Artilharia Portuguesa. Exposição Comemorativa do VI Centenário da Artilharia no Museu Militar do Porto.* Porto: Museu Militar do Porto.
- Soriano, S.J.L. (1890). *História do Cerco do Porto.* Porto: A. Leite Guimarães.
- Torres. J.G.O. (1910). *O Mirante das Guellas de Pau.* Tripeiro, 2ª série. 3 de Setembro.

Valente, V. (1945). *Achegas Arqueológicas e iconográficas. Vítimas do Cerco do Porto (Casa e Quinta de Agramonte)*. Tripeiro, 5ª série. 1 de Outubro.

Vitorino, P. (1944). *O Monte Pedral*. Porto: s/ed.

Cartografia

Atlas das Fortificações do Exército Libertador. Atlas das Fortificações do Exército de D. Miguel no Porto. Pelos Tenentes de Artilharia Barcellos e Banhos, 1833. (AHMP)

Carta da Linha de Defesa ao Sul do Douro. Comissão dos Oficiais Engenheiros do Exército Libertador no Norte, 1834 (AHMP).

Colecção de Plantas e Perfiz das Fortificações referidas à Carta Geral das Linhas dos Exércitos Libertador e Rebelde no Sítio do Porto – Levantadas e publicadas, por Ordem de S.M.I., pelo Coronel Engenheiro Moreira, 1833 (AHMP).

Iconografia

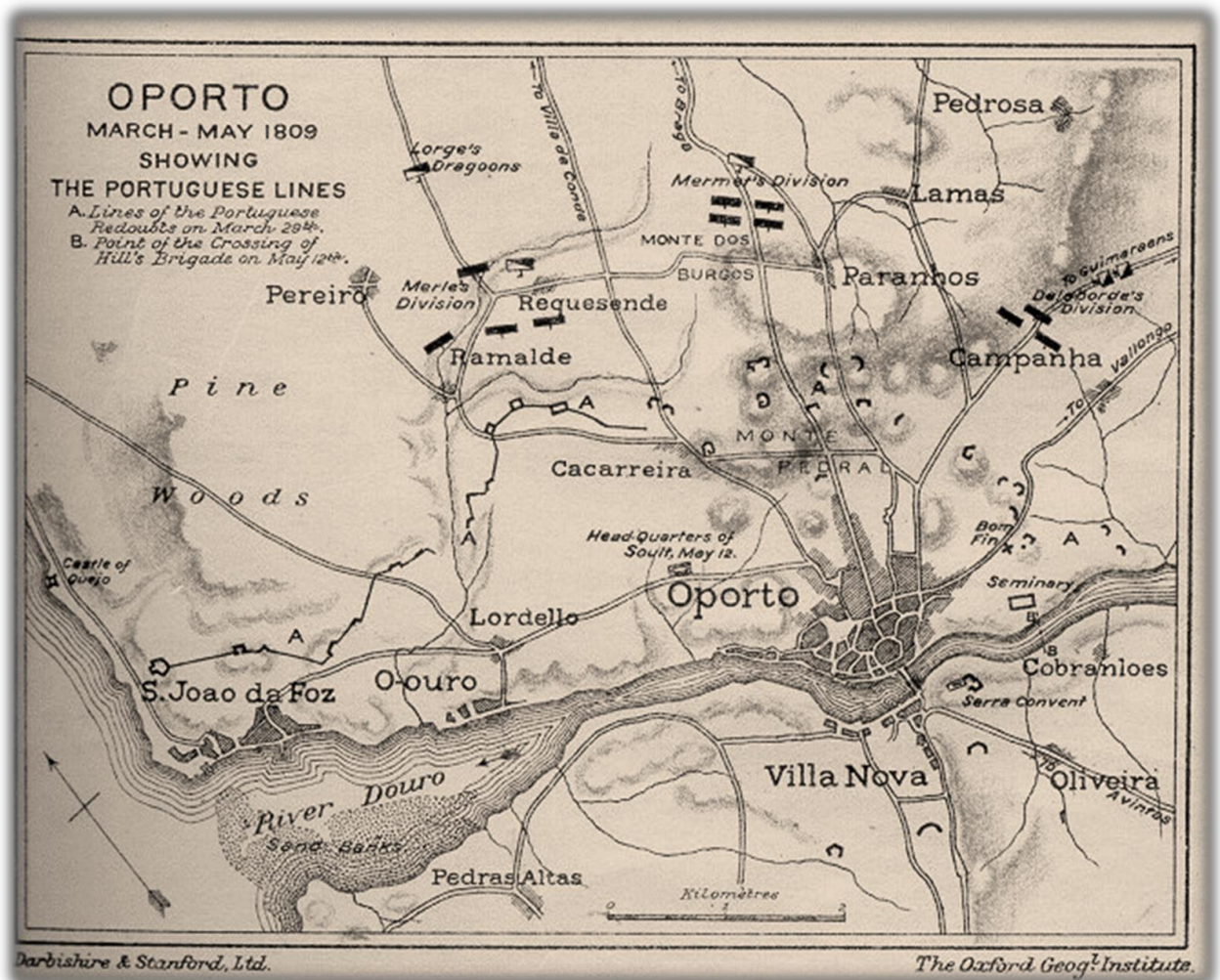


Figura 1. Mapa da Segunda Invasão Francesa – Posições entre Março e Maio de 1809 in www.napoleon.org



Figura 2. Arquivo Histórico Municipal do Porto/Planta do Porto em 1832



Figura 3. Arquivo Histórico Municipal do Porto /Gravura Alemã representando o desembarque de D. Pedro em Arnosa de Pampelido.

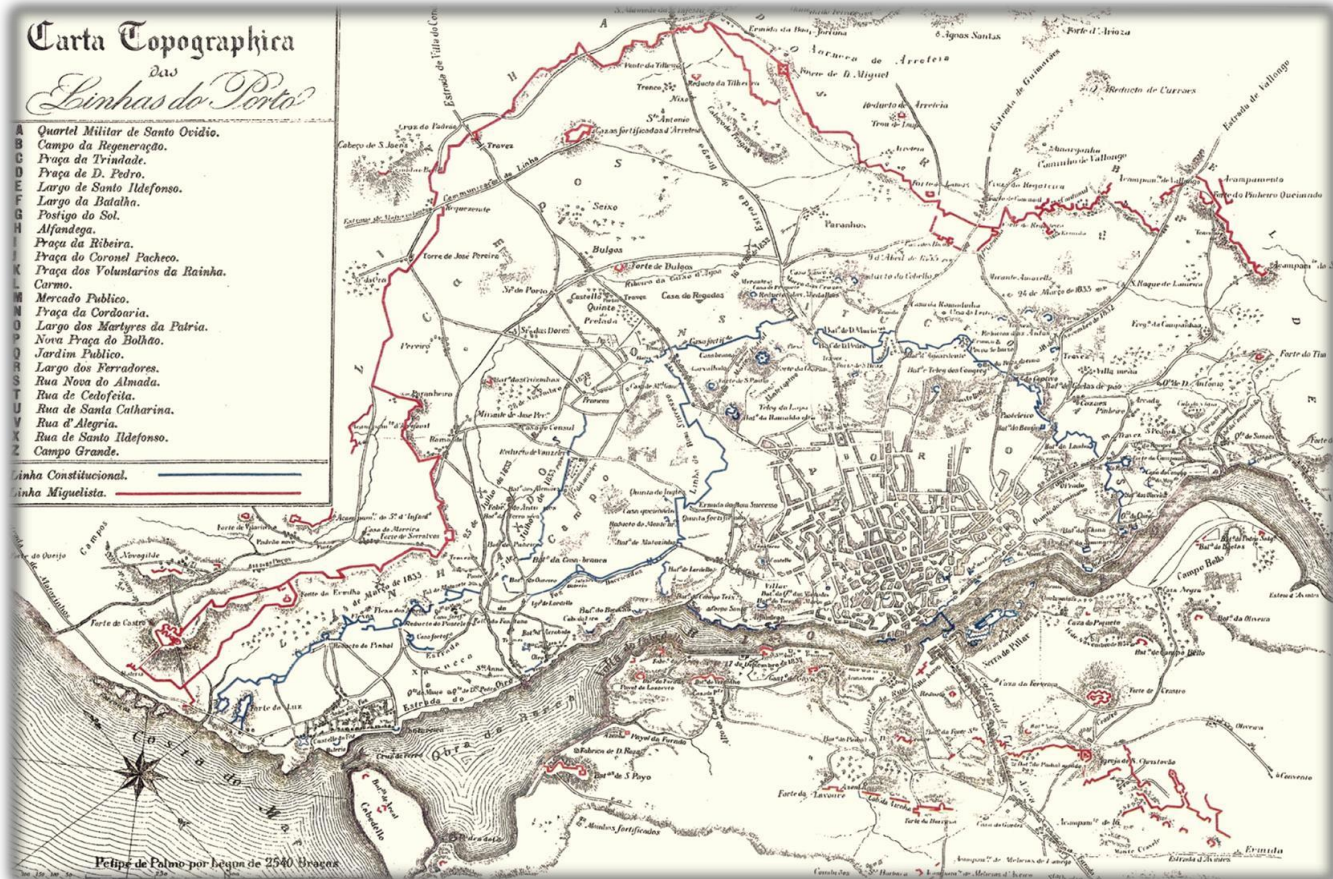


Figura 4. Biblioteca do Museu Militar do Porto / As Linhas do Cerco do Porto - Soriano, S.J.L. (1890). História do Cerco do Porto. Porto: A. Leite Guimarães.



Figura 5. Biblioteca do Museu Militar do Porto / Voluntários de D. Pedro - Soriano, S.J.L. (1890). História do Cerco do Porto. Porto: A. Leite Guimarães.

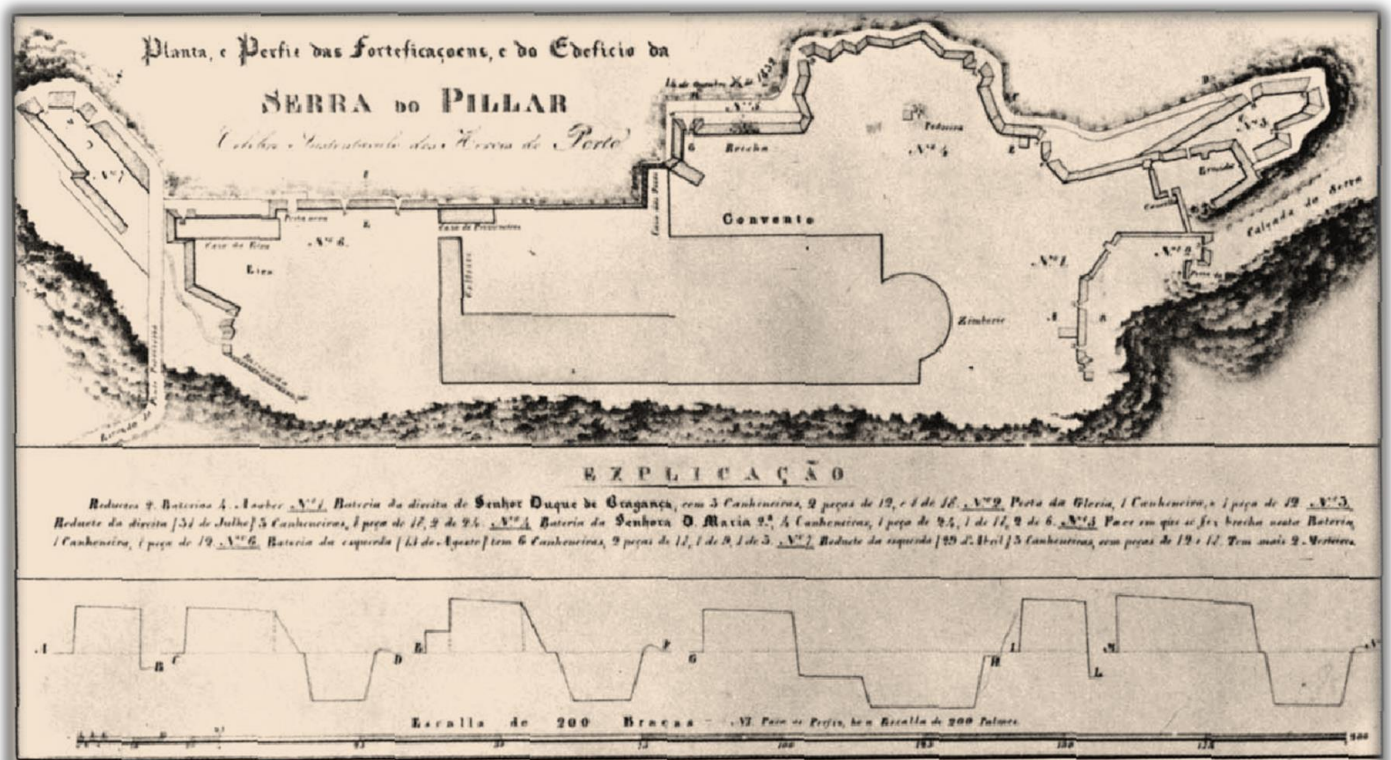


Figura 6. Reduto da Serra do Pilar - Coleção de Plantas e Perfiz das Fortificações referidas à Carta Geral das Linhas dos Exércitos Libertador e Rebelde no Sítio do Porto – Levantadas e publicadas, por Ordem de S.M.I., pelo Coronel Engenheiro Moreira, 1833 (AHMP).



Figura 7. Arquivo Histórico Municipal do Porto/Gravura do perímetro da Serra do Pilar 1832-1833